



DNA: 50 anos Uma nova gramática dos seres vivos

Editorial

A grande novidade do século XXI parece que será a assim chamada revolução biotecnológica. Tudo, de certa maneira, começou em 1953, com a publicação do artigo de Francis Crick e James Watson na revista **Nature** sobre a estrutura do DNA. A gramática dos seres vivos começava a ser melhor compreendida. Este é o nosso tema de capa desta semana. Artigos, entrevista e uma resenha constituem importante material para debate e aprofundamento do tema, inclusive nas salas de aula. Este também será o tema do **IHU Idéias** desta quinta-feira. Certamente, falaremos muitas vezes sobre esse assunto.

Neste número, fazemos, também, duas memórias importantes. A primeira, é a de **Ilya Prigogine**. Assim como os dois cientistas acima foram Prêmio Nobel, também este o foi. O significado de I. Prigogine para a ciência do século XX e XXI é indiscutível. Quem estuda, por exemplo, Edgar Morin e/ou Leonardo Boff, para citar dois intelectuais de áreas diferentes do conhecimento e diferentes nacionalidades, certamente se dá conta do significado da obra de I. Prigogine. Nós celebramos a sua memória, publicando, como já o fizemos no sítio do IHU, a 'Carta para as futuras gerações'. A segunda é a de **João XXIII**, cujo 40º aniversário se celebra nesta terça-feira, dia 3 de junho. Publicações, congressos e novas pesquisas sobre este 'cristão que se tornou papa' (H. Arendt) se multiplicam pelo mundo afora. O artigo de Alberto Melloni e a entrevista de G. Alberigo ajudam a entender melhor esta figura singular da história do século XX.

Completam este número a perspicaz entrevista do prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, sobre o clássico de Tucídides e as duas entrevistas sobre Euclides da Cunha, cuja obra será o tema de próxima etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, na próxima quinta-feira.

Que todos e todas possam fazer bom uso deste boletim.

Uma ótima semana para todos e todas!

No dia 25 de abril de 1953, Francis Crick e James Watson publicaram um desenho e um artigo na revista britânica **Nature**. O desenho e o artigo ‘sugeriam’ uma estrutura em três dimensões para o DNA, o ácido desoxirribonucléico, a molécula que se encontra no núcleo de todas as células de todos os seres vivos. Essa estrutura demonstra que o DNA é o suporte da hereditariedade. “Há algo de divino no centro das células? A dupla hélice responde a esta questão com um não definitivo”, escreve Watson no seu novo livro **The Secret of Life**

Atualmente, os dois cientistas, vencedores, em 1962, do prêmio Nobel, continuam no centro de muitas polêmicas. James Watson, americano de Chicago, dirige desde 1968 o Cold Spring Harbor Laboratory de Long Island. Está entre os principais cientistas empenhados no Projeto Genoma Humano. É conhecido por seu machismo e por sua verve polêmica pouco *politically correct*. Diz-se convicto de que não pode ser colocado nenhum limite à pesquisa pura. Sobre a manipulação genética declarou: “Não vejo como se possa proibir um dado experimento, porque as pessoas não o querem apoiadas em princípios comuns e não porque cause danos a qualquer ser”. E mais: “Dizem que seria terrível manipular geneticamente embriões, para que se tenha um mundo de mulheres loiras. Eu, pelo contrário, acho isso genial”.

O britânico Francis Crick batizou a sua casa em Cambridge de ‘Golden Helix’, a hélice de ouro. Continua estudando o DNA, mas, a partir dos anos 1960, a curiosidade o levou a desenvolver teorias sobre o como a consciência emerge da atividade cerebral e sobre a origem da vida. Crick é um dos que defendem a ‘panspermia’, a hipótese que a vida não surgiu sobre a Terra, mas que ela foi semeada a partir de outros planetas.

Celebrando os 50 anos desta importante descoberta científica, o próximo **IHU Idéias**, no dia 5 de junho, terá como tema “DNA: potencialidades e polêmicas. 50 anos depois”. O tema será exposto pela Prof^a. Dr^a. Jaqueline Josi Samá Rodrigues. Ela é pós-doutora pela UFRGS; doutora em Genética e Biologia Molecular, também pela UFRGS, com a tese *Caracterização e Função de Genes que Codificam Proteínas Antigênicas de Echinococcus granulosus*; mestre em Genética e Biologia Molecular, pela Unicamp, com a dissertação *Seleção Genética do Vírus de Poliedrose Nuclear de Autographa californica (Baculoviridae) em Diatrea saccharalis*; especialista em Biotecnologia Moderna Ênfase em Biologia Celular Molecular, pela UFRGS; graduada em Ciências Biológicas – Licenciatura, pela UFRGS; professora do Centro de Ciências da Saúde na Unisinos. Jaqueline conversou com **IHU On-Line** sobre as potencialidades e polêmicas que o DNA revelou ao longo destes últimos 50 anos.

Uma nova gramática do vivente

Sob o título acima, Franco Voltaggio, publicou no jornal **II Manifesto**, 1-5-03, um artigo que traduzimos, quase na íntegra, e abaixo reproduzimos.

1953: um ano crucial

Há cinquenta anos, no dia 25 de abril de 1953, apareciam na revista **Nature** três artigos dedicados à representação da estrutura de uma macromolécula filamentosa responsável pela expressão e pela transmissão da hereditariedade, o DNA (ácido desoxirribonucléico) presente no núcleo das células. O artigo, fundamental, que reproduz e ilustra a já clássica estrutura da

dupla hélice levava a assinatura de James Watson e Francis Crick. Começa, naquele momento, um difuso interesse por parte dos não especialistas em Biologia e atrai o fato de que se percebe que as futuras pesquisas contêm uma grande promessa: poder saber sempre melhor que coisa é a vida e chegar a descobrir que essa é o êxito de um processo de conservação. O impacto emotivo tanto maior quanto esta descoberta se dá num momento em que, concluindo-se um típico conflito da guerra fria como a Guerra da Coréia (1950-1953), as grandes massas sabem que, depois do drama de Hiroshima e Nagasaki (o verdadeiro primeiro experimento do uso de uma arma pensada para o extermínio de massa), a vida sobre a Terra e, particularmente, a sobrevivência da nossa espécie estava sob o risco de extinção.

Aquela que historicamente é uma contradição, estarmos a caminho do conhecimento das origens da nossa vida no momento mesmo no qual todos os seres vivos entram num beco sem saída, esta descoberta abre um imaginário coletivo de grande esperança: quanto mais e quanto melhor sabemos como se transmite a vida, tanto mais razoavelmente saberemos como evitar o seu fim. Sem dúvida, pode-se criticar esta esperança que sela uma trágica ironia, já que a vida começa a ser compreendida no preciso momento no qual se torna mais do que real pensar o seu desaparecimento. Mas a razão destas esperanças não está tanto no seu conteúdo quanto nos afetos e nos comportamentos que ela suscita. O primeiro destes afetos parece que surge no próprio mundo da ciência: começa o declínio da hegemonia da *big science* (a Física) associada, erradamente, à bomba atômica e inicia a época da Biologia. Mas há algo mais. O grande potencial cognitivo da nova Biologia, a Biologia Molecular, não somente introduz uma série de reflexões de grande alcance sobre a remotíssima transição (quatro bilhões e meio de anos) do inorgânico ao orgânico, mas, por uma espécie de contágio cultural – a Biologia é, tudo somado, uma ciência histórica – induz a avaliar em termos históricos os próprios fenômenos pesquisados pela física. Especialmente nas últimas décadas do século passado, cada capítulo realmente inovador da ciência física se transforma num capítulo de história do universo.

A bomba 'biológica'

As primeiras pesquisas sobre o DNA remontam ao século XIX, quando um médico suíço, Friedrich Miescher (1844-1895) estudou, lá por 1870, alguns componentes do núcleo da célula. A molécula de DNA, no entanto, foi isolada na Alemanha, em torno de 1890. Naquele período, a molécula foi separada das proteínas as quais estavam ligadas ao núcleo. A sua função, no entanto, permaneceu, obscura até 1944, quando o biólogo americano Oswald T. Amery (1877-1955) provou a sua responsabilidade no fenômeno da transmissão. Este papel especial foi confirmado, em 1952, por outros pesquisadores, como Alfred Herschey e, sobretudo, Martha Chase. Quando saiu o artigo fundamental de Crick e Watson, a função do DNA, de expressar e transmitir a herança, era já conhecida. A representação do modelo esclareceu, sobretudo, as modalidades seguidas pela macromolécula no desenvolvimento da sua tarefa. Particularmente, Crick e Watson evidenciaram como os dois filamentos do DNA eram constituídos pela repetição de nucleotídeos complementares um ao outro. A estrutura que foi mostrada por Crick e Watson foi essencial, porque permite a duplicação do DNA e, particularmente, a transcrição da informação genética no RNA (ácido ribonucléico) – que fazia o papel de 'mensageiro' e, conseqüentemente, a sua tradução nas proteínas, isto é, os comportamentos estruturais e funcionais das células. Quando, em 1962, Crick e Watson receberam prêmio Nobel de medicina, de fato o mecanismo da herança resultava fundamentalmente adquirido. As pesquisas dos anos seguintes se ocuparam, fundamentalmente, dos processos de transcrição do DNA e do RNA e foi se afirmando, desta maneira, o 'dogma de Crick', segundo o qual não

há organismo que não siga a linha DNA-RNA (transcrição ou transcriptase direta) (mais tarde o 'dogma' receberia um golpe duplo, quando se descobriu a natureza peculiar de alguns organismos nos quais o processo de transcrição modificava o papel de simples mensageiro do RNA. Particularmente se esclareceu que alguns vírus (retrovírus, ou seja, vírus com transcrição ou transcriptase inversa) seguem a linha RNA-DNA. Entre os retrovírus o mais célebre é o HIV – responsável pela Aids – que constrói o próprio DNA, parasitando a célula hospede, o que, entre outras coisas, explica a enorme dificuldade de eliminar o vírus. Ou seja, destruindo o HIV se destrói o organismo infectado. Mas, enfim, a linha de pesquisa aberta pelo retrovírus é particularmente sugestiva. Tendo em conta que os vírus têm, por sua capacidade de se cristalizar, uma relação especial com o inorgânico, e permanecendo adquirido o papel do DNA como motor de vida, a transcrição inversa, estudada com especial atenção, poderia jogar uma potente luz sobre a transição do inorgânico ao orgânico, isto é, sobre a emergência da vida).

Engenharia genética

Pouco a pouco, começou-se a pensar que, uma vez conhecidos os mecanismos de conservação e transmissão da vida, se poderia intervir para modificá-la. É esta a perspectiva de fundo da engenharia genética, cujos primeiros passos remontam à metade dos anos 1960, quando se podiam já prever técnicas para introduzir novas características genéticas em células que não as possuíam. O grande microbiólogo americano Joshua Lederberg foi um dos primeiros que intuiu a possibilidade de uma nova genética molecular, apresentando ao National Institutes of Health um projeto que consistia em utilizar uma enzima especial para agregar seqüências de adenina e timina a duas moléculas de DNA, de tal modo que pudesse, depois-las. De fato, era este o primeiro passo da tecnologia do DNA recombinador que foi visto por muitos cientistas, como uma sombria sombra da velha eugenia nazista. Foram os próprios inventores desta tecnologia que se reuniram num convênio nos EUA (Conferência de Asilomar, 1975) para estabelecer uma série de princípios intransponíveis para as pesquisas futuras. A proposta de uma moratória dos experimentos em curso é uma consequência desta Conferência, que depois não foi respeitada. Enfim, começara a era das biotecnologias e iniciava o conjunto de reflexões e preocupações de índole moral que deram origem à bioética.

Substancialmente, os cientistas de Asilomar deram voz – mostrando uma visão e uma sensibilidade que, falando com toda a franqueza, os físicos atômicos nos anos 1940 não tiveram – ao temor do público acerca da eventualidade de que uma outra bomba terrível, a biológica, estive prestes a ser fabricada nos laboratórios dos pesquisadores, uma bomba que não destruiria a vida, mas parecia ser capaz de mudá-la radicalmente. Este medo era e é justificável.

O medo e a esperança

Responder a esta interrogação é extremamente difícil. Pareceria, de fato, que a resposta peremptória aguardada poderia levar a um estéril cientismo, esquecendo que a verdadeira ciência tem entre os seus componentes a responsabilidade, ou, por outro lado, poderia levar a apostar numa 'degeneração' da biologia. Encontramo-nos frente a um dilema, cujas duas pontas são decididamente impraticáveis e o são a tal ponto que nos recordam, com Adorno, que a liberdade de juízo não está no se decidir entre tal ou tal dilema, mas na recusa, sempre e em qualquer lugar, do dilema. Mas como? No único modo que sempre é consentido a um intelectual: com a 'forçada paciência', que Leibniz recomendava aos doutos, analisar o existente, tendo em conta também as paixões dos que estão envolvidos. Começemos então

colocando a nossa atenção sobre a descoberta da estrutura e da função dDNA, focalizando o seu conteúdo cognitivo.

Há cinquenta anos, esta intrigante macromolécula nos diz que somos todos iguais e somos todos diferentes. Todos iguais, porque todos os processos de desenvolvimento e de vida seguem, em cada um de nós, o mesmo percurso. Todos diferentes, porque o DNA de um indivíduo não é idêntico ao do outro, e o testemunho disso é dado, entre outros, pela prova do DNA nos processos penais. Limitando o discurso aos seres humanos, podemos afirmar que cada um de nós tem uma carteira de identidade secreta, que constitui, se podemos falar assim, a base bioquímica da responsabilidade. Uma tecnologia capaz de recombinar parece colocar decididamente em risco esta poderosa riqueza (ou pobreza?). Mas que as coisas não sejam assim mostram, nos parece, as aplicações médicas, que visam ao melhoramento da condição de vida de pessoas singulares impedindo que a identidade escondida se torne uma condenação à morte. Reconhecer que a essência da vida é a conservação não autoriza ninguém a privilegiar a conservação do pior.

Neste momento, torna-se presente no debate um afeto, a esperança, a esperança de fazer de tal modo que seja conservado o melhor e uma tal expectativa pode ajudar a espantar o medo que a engenharia genética suscita em tantos de nós. Engenharia genética que nasceu de verdades adquiridas com as pesquisas sobre o DNA, sob a condição de que se tenham bem claros os objetivos da pesquisa, objetivos que são amplamente aceitos somente se forem médicos. Provavelmente será a medicina contemporânea, com todas as suas fragilidades e as suas contradições, o banco de prova da engenharia genética, o ponto de chegada de um caminho cognitivo (e talvez ético) que iniciou há meio século. Esta possibilidade requer, no entanto, a necessidade de não demonizar de modo vulgar o medo do público. O fato de o medo emergir no imaginário coletivo o torna tanto mais digno de atenção. Naquele imaginário, o DNA se tornou um mito. Mas nos perguntemos: “Um mito deve ser exorcizado ou, ao contrário, educado, isto é, esclarecido e como que descodificado, especialmente quando se trata, definitivamente, do mito do conhecimento do nosso mais profundo eu?”

DNA: POTENCIALIDADES E POLÊMICAS

Entrevista com Jaqueline Rodrigues

IHU On-Line- Por que acha importante envolver pessoas de diversas áreas para discutir potencialidades e polêmicas em relação ao DNA?

Jaqueline Rodrigues- Hoje em dia, com toda a tecnologia que se tem, de manipulação de DNA, o que se pode fazer? O que se deve fazer e o que não se deve fazer? Quem decide se se deve ou não se deve fazer? Toda tecnologia, toda descoberta tem sempre a possibilidade de usar isso para o bem ou para o mal, o que não é motivo suficiente para proibi-la totalmente, mas deve haver regras de como fazê-lo. Se não fosse assim, não se venderia faca no supermercado. Mas não é assim que se faz pesquisa, as instituições têm comitês de ética que regulam essas coisas.

IHU On-Line- Por que o tema DNA está mais presente na sociedade nos últimos anos, em 50 anos de descoberta de sua estrutura?

Jaqueline Rodrigues- São 50 anos da descoberta da estrutura. Que o DNA era a molécula responsável pela informação genética, já se sabia fazia alguns anos. Em 1953, alguns pesquisadores propuseram como seria a estrutura dessa molécula, porque isso era extremamente importante para entender como funcionava todo o processo de transmissão de informação genética. Manipulação de DNA de um organismo para outro já se faz há muito tempo. Só que, nos últimos anos, o DNA tomou uma proporção maior por três fatos: o projeto Genoma Humano, a questão dos transgênicos e a clonagem. O projeto Genoma Humano, que já vem acontecendo há um tempo, e agora foi completado, foi um megatrabalho. Laboratórios do mundo inteiro, com muito dinheiro para financiar isso, tinham o propósito de identificar e fazer o mapeamento dos cerca de 80 mil genes que se calculava existirem no DNA das células do corpo humano, pensando que, com esses dados, haveria um benefício na melhoria da qualidade de vida. O objetivo era identificar genes com certas doenças genéticas para poder tratá-las, o que se chama de terapia gênica, poder fazer diagnóstico dessas doenças de forma mais rápida e precisa.

IHU On-Line- A terapia gênica tem mostrado utilizações polêmicas?

Jaqueline Rodrigues- A terapia gênica é uma forma de tratamento na qual é restaurada a função de um gene em uma pessoa, porque ela tem uma doença genética, uma determinada falha. No gene defeituoso, é clonado um gene normal e existem várias maneiras diferentes de introduzir isso na pessoa. Pode-se fazer terapia gênica para a diabetes, mas também para mudar a função de outro gene. Há quem pensa a terapia gênica ou também a clonagem para ter um filho inteligente, de olhos azuis, que não seja gordo, que não tenha o gene da obesidade, agora se sabe que há um gene da obesidade. Há que distinguir o que realmente é necessário para melhorar a qualidade de vida. Até onde essa tecnologia deve ser usada para fins de eugenia? O consenso geral da comunidade científica é que isso deve ser usado para tratamento de doenças. Mas, sempre haverá uma empresa que quer oferecer algo a uma fatia do mercado que está interessada nessas coisas. Então quem vai controlar isso?

IHU On-Line- Qual é teu olhar de bióloga sobre os transgênicos?

Jaqueline Rodrigues- Isso tornou-se muito polêmico ultimamente, especialmente aqui no RS, em relação à soja transgênica da Monsanto. Acho que a questão é mais política e econômica do que técnica. Cada caso é um caso e deve ser analisado de forma independente. Quem é contra os transgênicos, a maioria das vezes, são organizações ambientalistas que têm toda uma ideologia por trás. Elas ficam generalizando os transgênicos como causadores de alergias, responsáveis de diminuir a diversidade do planeta, etc. Mas, não é possível generalizar. Não é possível dizer que todo transgênico vai causar alergia. Aconteceu há pouco tempo que um gene de uma castanha do Pará tinha sido clonado e algumas pessoas mostraram reação alérgica. Essas pessoas já eram alérgicas à castanha do Pará, então não é o transgênico que produz a alergia. O que é preciso fazer é disponibilizar todo tipo de informação. Dessa forma, as pessoas que são alérgicas a esse produto, podem se abster do alimento.

IHU On-Line- A polêmica maior seria em torno dos alimentos transgênicos?

Jaqueline Rodrigues- Os transgênicos da Monsanto não são os primeiros transgênicos que existem no mundo, embora pela discussão pareceria que fosse assim. A produção de transgênicos existe no mercado há muitos anos, o primeiro produto transgênico comercializado foi a produção de insulina humana a partir de bactérias, em 1973. Trata-se de um gene humano que está dentro de uma bactéria, e essa bactéria é transgênica. A vacina contra a hepatite B, que agora faz parte do programa de vacinação do Ministério da Saúde, é transgênica. Claro

que há uma grande diferença entre esses transgênicos e os alimentos transgênicos, porque antes a produção era só confinada em laboratório, mas os alimentos transgênicos são plantados, vão para campo, havendo uma interação com o meio ambiente. Sem dúvida, isso deve ser avaliado.

IHU On-Line- A clonagem reprodutiva é descartada pela comunidade científica?

Jaqueline Rodrigues- Há um grande consenso de que não se deve usar para humanos, porque é um procedimento totalmente ineficiente. Para conseguir a Dolly, houve mais de 200 tentativas diferentes e uma deu certo. Todo tipo de pesquisa em humanos deve demonstrar que tem uma certa eficiência. Quando em mamíferos são obtidos esses resultados, não se aplica o procedimento em humanos, porque pode não dar certo, mas, ao mesmo tempo, estão se preparando pequenos embriões, que não vão desenvolver. Aí está todo o problema ético de destruir esses embriões. Esses pequenos embriões seriam um amontoado de 50, 100 células que não chegam a ter forma humana.

IHU On-Line- De que forma está sendo aplicada a clonagem terapêutica?

Jaqueline Rodrigues- A clonagem terapêutica é um clone com algumas poucas células, mas que nunca é implantado num útero, fica em laboratório, essas células se diferenciam em tecidos diversos. Então, dependendo das condições, elas conseguem se diferenciar em células nervosas, de músculo cardíaco, etc. Depois pode ser colocado esse tipo de células numa pessoa que precise, por exemplo, de um coração que parou de funcionar, coloca-se esse tecido no coração da pessoa e começa-se a reproduzir e substituir a função daquele órgão. Isso pode ser feito para doenças hematológicas, que são muitas. Existem também outras formas de clonagem terapêutica, através das células tronco, por exemplo, são células que têm potencialidade de poder se desenvolver em qualquer outro tipo de célula. Existem muitos laboratórios trabalhando na clonagem terapêutica no mundo inteiro e está dando muitos resultados.

IHU On-Line- E as células clonadas que não são utilizadas?

Jaqueline Rodrigues- Potencialmente se aquilo fosse colocado em um útero, poderia se desenvolver em um feto, uma criança. Mas aquilo nunca vai ser colocado em um útero. Não é nada diferente do que acontece com quem faz fertilização assistida. No útero, são implantados dois, três, embriões, e os outros? Os médicos congelam, fica congelado eternamente. Eticamente é muito difícil tomar posição em relação a isso. É um assunto que deve passar por um debate bem amplo na sociedade. Há posicionamentos diferentes, dependendo de cada cultura. Cada sociedade tem seus valores e é importante respeitá-los. Um exemplo que pode ajudar a compreender esta diversidade de pontos de vista é o caso das testemunhas de Jeová. Eles não admitem transfusão de sangue, mas o médico, por princípio ético, deve preservar a vida de uma pessoa acima de tudo. Se ele não faz a transfusão, a pessoa morre. Há um conflito. Eu acho que, nesse caso, o médico não deve forçar, porque para aquela pessoa isso é um princípio tão importante que, se um dia ela descobrir que lhe foi feita uma transfusão, é capaz de se matar.

IHU On-Line- A discussão que norteia os diversos pontos de vista seria a questão de onde começa a vida humana?

Jaqueline Rodrigues- Sim, e cada segmento tem uma posição diferente. Para alguns é na fecundação, para outros no nascimento, para outros, quando já tem cara de feto. Dependendo do segmento, da religião, do partido político, a posição é diferente. Dentro da própria pesquisa,

há opiniões diferentes. Eu acredito que aquilo é um conjunto de células. Nós trabalhamos com cultura de células. Escreve-se para o banco de células e pede-se uma cultura de células da linhagem tal. São células humanas, mas aquilo não é um ser vivo, é um conjunto de células. Para todas estas questões genéticas não há uma resposta única. Penso que são sinais de que a sociedade está questionando certas coisas. É preciso que a sociedade faça esse debate, e o cientista ouça a sociedade.

IHU On-Line- A pesquisa, nessa área, hoje, está nas mãos da universidade ou dos laboratórios privados?

Jaqueline Rodrigues- Depende. No Brasil, a grande maioria dessas pesquisas acontecem na universidade e especialmente nas universidades públicas. No exterior, as empresas são as que mais investem em pesquisa. Só que são pesquisas diferentes. A acadêmica nunca se sabe se tem um final ou não na direção que foi planejada, porque, no caminho, podem surgir muitas descobertas por acaso. Nas empresas, é algo mais aplicado. Usa-se todo o conhecimento numa determinada área para conseguir um determinado produto. No Brasil, agora estão aparecendo algumas empresas que começam a fazer isso.

Livro da semana

A Tripla Hélice. Gene, Organismo e Ambiente

Na mesma linha celebrativa, apresentamos como livro da semana a obra de Richard LEWONTIN, *A Tripla Hélice. Gene, Organismo e Ambiente*. Tradução: José Viegas Filho São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 144 p.

A resenha do livro é de Crodowaldo Pavan, biólogo, professor emérito da USP e da Unicamp e presidente da Associação Brasileira de Divulgação Científica (Abradic). A resenha foi publicada no Jornal de Resenhas, *Folha de S. Paulo*, 10-5-03, sob o título *Deciframento sem fim*. Os subtítulos são nossos.

“A era genômica nos coloca atualmente diante de uma situação complexa, em que precisamos entender o comportamento e as interações dos genes, assim como seus mecanismos de regulação, e não apenas a seqüência dos nucleotídeos que integram o genoma de um organismo. Na verdade, cada gene representa uma "pedra de Roseta" para ser decifrada. Muito mais do que o conhecimento da ação primária de um dado gene, é preciso conhecer as interações que são estabelecidas com outros genes, com os ambientes intra e extracelular e com o meio em que o organismo está incluído. Só pela análise das atividades de um número ponderável de genes assim decifrados poderemos tentar, de forma racional, interpretar o comportamento do genoma.

É interessante evidenciar que o desenvolvimento da genética nos primeiros 25 anos do século 20 foi extraordinário, embora a grande maioria dos trabalhos fosse realizada, e com muitos bons resultados, sem que houvesse por parte dos produtores dos trabalhos a necessidade do conhecimento dos fatores genéticos responsáveis pelos resultados obtidos.

Com isso, hoje estamos sem possibilidades de utilizar os genomas (seqüências de nucleotídeos do DNA de um organismo) como um instrumento de análise de seu próprio funcionamento.

Em *A Tripla Hélice*, encontramos uma análise crítica de como vêm sendo estudadas as relações entre os vários fatores que interagem no comportamento e na atividade dos genes, fornecendo ainda sugestões preciosas sobre o que deve ser feito e, não menos importante, fazendo o leitor se envolver nas interpretações teóricas do assunto.

No primeiro capítulo, explica-se a forma como as relações entre os genes e organismos são normalmente analisadas. O autor apresenta vários casos em que, para mais facilmente se compreender as explicações, são utilizadas metáforas que envolvem grande risco: o de que venhamos a confundir a metáfora com aquilo que realmente interessa. Nesse caso, a compreensão seria bastante satisfatória, só que não explicaria a realidade.

Segundo Lewontin, "o organismo não é determinado nem pelos seus genes, nem pelo seu ambiente, nem mesmo apenas pela interação entre eles, mas carrega uma marca significativa de processos aleatórios. Ele não se computa a partir de informações de seus genes nem das informações de seus genes e da seqüência de ambientes. A metáfora da computação é apenas uma atualização da metáfora da máquina usada por Descartes. Como toda metáfora, ela capta alguns aspectos da verdade, mas pode desencaminhar-nos se a tomarmos ao pé da letra".

No segundo capítulo, destaca-se que "muitas metáforas já foram invocadas para ilustrar a relação entre ambiente e organismo independentes entre si. O organismo propõe, o ambiente dispõe. O organismo faz conjecturas, e o ambiente as refuta. Na forma atualmente mais popular na literatura técnica sobre evolução, o ambiente propõe problemas, e o organismo lança soluções aleatórias. Nessa estrutura conceitual, a metáfora da adaptação é, sem dúvida, apropriada. Adaptação é, literalmente, o processo pelo qual um objeto se torna apto a satisfazer uma exigência preexistente. Uma chave se adapta a uma porta desde que suas reentrâncias sejam aptas a abrir o segredo da fechadura".

Não existe ambiente a ser salvo!

O autor apresenta uma série de exemplos pertinentes ao que quer explicar e chega a algumas conclusões como a seguinte: "O crescente movimento ambientalista que visa a evitar alterações do mundo natural que sejam, no mínimo, desagradáveis e, na pior das hipóteses, catastróficas para a existência humana não poderá proceder racionalmente sob a falsa palavra de ordem "Salvemos o ambiente". Não existe "ambiente" a ser salvo. O mundo habitado por organismos vivos está sendo constantemente modificado e reconstruído pelas atividades de todos os organismos, não apenas pela atividade humana.

Tampouco o movimento pode continuar a empunhar a bandeira "Não à extinção!". Dentre todas as espécies que existiram, 99,99% estão extintas, e todas as que hoje existem um dia estarão extintas. Na verdade, um dia toda a vida da Terra estará extinta, se não por outras razões, pelo fato de que o Sol se expandirá e queimará o planeta dentro de cerca de 2 bilhões de anos. Como a vida teve início há mais de 2 bilhões de anos, podemos dizer com segurança que a vida na Terra está pelo menos 50% concluída".

No capítulo seguinte, Lewontin assinala que "o problema de dividir o mundo em partes e peças apropriadas é conseqüência da tradição analítica que a ciência herdou do século 17. Se o animal é como uma máquina, como afirmava Descartes na quinta parte do *Discurso do Método*, então ele será composto de partes e peças que podem ser, claramente, diferenciadas, cada uma das quais terá uma relação causal determinada com o movimento das demais.

Contudo o modelo da máquina de Descartes é não apenas uma descrição de como o mundo opera, mas também um manifesto sobre como estudar os fenômenos naturais". Apresenta, a seguir, numerosos exemplos para explicar as relações entre partes e todos, causas e efeitos.

Novas metodologias

No quarto e último capítulo, intitulado "Direções no Estudo da Biologia", o autor observa que os capítulos anteriores possuem uma conotação caracteristicamente negativa. Dedicam-se a "explicar por que um enfoque reducionista do estudo dos organismos vivos pode nos levar a formular respostas incompletas a perguntas relacionadas à biologia, ou a ignorar características essenciais dos processos biológicos ou a formular as questões erradas em primeiro lugar. É fácil criticar. Basta concentrar bem a atenção em qualquer aspecto complexo do mundo e logo se tornam visíveis as falhas apresentadas pelos diversos enfoques em um ponto ou outro. Muito mais difícil é apontar as maneiras de trabalhar melhor na prática. Não ajuda em nada defender em termos gerais a necessidade de um enfoque mais sintético, ou dizer que, de algum modo, precisamos de uma nova maneira de ver".

Faz a seguir uma série de considerações, em sua maioria críticas, do modo como têm sido analisados e trabalhados importantes problemas biológicos; considerações que permitem conhecer melhor os problemas analisados e, tão ou mais do que isso, estimular o interesse e o envolvimento pelos assuntos discutidos. Sem dúvida, é uma publicação muito oportuna e excitante, que deve ser recomendada não só para os alunos de Biologia, mas também para todos os interessados em Biologia que aprenderam que, dado o progresso científico atual, hoje não basta fazermos só cursos nas várias etapas das escolas; além desses, deveremos nos envolver em estudos de nossa especialidade ou interesse pelo resto da vida.

A conclusão final do livro é que o progresso da Biologia não depende de novas conceituações revolucionárias, mas sim da criação de novas metodologias que permitam, na prática, responder a perguntas em um mundo de recursos finitos.

Embora não dito de modo explícito no livro, acho que posso também chegar à conclusão de que o Projeto Genoma Humano (PGH), para que tenha qualquer valor prático, foi executado com uma antecedência de algumas décadas. Se os vultosos recursos (mais de US\$ 2 bilhões) fossem aplicados no estudo aprofundado da genética das várias doenças humanas que estão sendo usadas como solucionáveis depois da finalização do PGH, obteríamos resultados muito mais proveitosos para a prevenção ou cura das doenças referidas, além da elaboração de forma mais racional e profunda de partes do genoma humano".

ACONTECE

IHU na Internet

Atualizado diariamente, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos está disponível no endereço <http://www.ihu.unisinos.br/> Este espaço virtual do IHU, além de dar uma perspectiva institucional do objetivo e da organização do Instituto, aborda seus diversos eventos e traz alguns destaques que, na sociedade e no mundo, são notícia no dia. No sítio, você pode

acessar o boletim IHU On-Line semanal e suas edições anteriores. Visite nosso sítio e veja as novidades.

Grupo de discussão sobre ética

No dia 26, foi realizado o primeiro encontro do grupo de discussão sobre ética, novo evento da área de Concentração I, Ética, Cultura e Cidadania do IHU, dirigido aos estudantes da Unisinos com a finalidade de contribuir para a formação integral e profissional dos alunos. Mais de 30 participantes debateram o tema *Paz* sob a coordenação do Prof. MS Laurício Neumann, coordenador da área de concentração I e da psicóloga Susana Maria Rocca, integrante da área. A próxima etapa do grupo de discussão será sobre *Violência social e psicológica* e acontecerá no dia 9 de junho, das 17h30min às 19h, na sala 1C 103. O evento é aberto a estudantes de todos os cursos.

Jornada de Estudos sobre Religiões e Diálogo Inter-religioso

No dia 31 de maio, aconteceu no Auditório Central, a Jornada de Estudos sobre Religiões e Diálogo Inter-religioso. O evento buscou possibilitar a formação conjunta e dialogada de comunidades e lideranças de diferentes religiões ou opções religiosas atuantes na Região Metropolitana de Porto Alegre e proporcionar novas reflexões sobre a temática para a comunidade interna e externa da Universidade. Participaram do encontro líderes religiosos, professores de Ensino Religioso e interessados em geral. O ponto de partida do evento foi o tema: A importância e significação do diálogo inter-religioso nos dias de hoje, a cargo do Coordenador do IHU Prof. Dr. Inácio Neutzling. Posteriormente, foi realizado o painel: O diálogo inter-religioso sob o ponto de vista de três religiões: com o Reverendo Jessé Castro Ramos - Reitor da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Sapucaia do Sul e São Leopoldo; a Mãe Aida Maria de Lima - lalorixá da Casa Africana Nossa Senhora da Conceição e Pai Dejair Haubert, Babalorixá do Centro Africano Ilê dos Orixás; Rafael Gue Martini, Secretário da Igreja Santo Daime

O evento foi organizado pelo Programa Gestando O Diálogo Inter Religioso e o Ecumenismo (GDIREC) e coordenado pelo diretor do Centro de Ciências Humanas, Prof. Dr. José Ivo Follmann.

DESTAQUES DA SEMANA

Entrevista da Semana

UMA SOCIEDADE CIVIL PLANETÁRIA É POSSÍVEL?

*Traduzimos e reproduzimos na íntegra a entrevista de Zygmunt Bauman concedida ao **El País**, 10-5-03, por ocasião do lançamento do seu livro **Comunidade**, na Espanha . A tradução portuguesa do livro intitula-se **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 e foi comentado como livro da semana no **IHU On-Line**, n. 53, de 31 de março de 2003, p. 18-20.*

Z. Bauman é um dos grandes teóricos sociais do nosso tempo, professor emérito de Sociologia da Universidade de Leeds (Inglaterra). Dedicou os seus estudos à interpretação da modernidade e da época pós-moderna. Autor de uma vasta produção. Em português, destacamos os seus livros, **O Mal-estar da Pós-Modernidade; Globalização - As Conseqüências Humanas e Modernidade Líquida**, todos publicados pela Jorge Zahar Editores. A tradução e os subtítulos são dos colegas do CEPAT aos quais agradecemos.

Entre o ver e o agir – o vazio da ação

El País – Em sua recente conferência em Madrid, você abordou o crescente divórcio que há entre o conhecimento que temos acerca de uma enormidade de questões carregadas de valor moral e a nossa capacidade para enfrentá-las mediante uma efetiva ação moral.

Zygmunt Bauman – Creio que a mensagem mais seminal da extensão planetária desse fato, ainda que não articulada de modo explícito, seja a televisão, que revela a defasagem entre o que sabemos e o que podemos fazer; entre o que desafia a nossa consciência e o que clama por alguma ação, e que nós, testemunhas passivas, podemos minimamente modificar. Temos todos os instrumentos para a ‘tele-visão’, mas apenas alguns para a ‘tele-ação’. Enxergamos além do que nossas mãos podem alcançar. Diariamente, vemos como se pratica o mal, como se sofre a dor, mas o desafio que isso representa para os nossos sentimentos morais fica, em grande parte, sem resposta. Não há dúvida de que algumas de nossas ações e reações são inspiradas moralmente, mas as suas conseqüências não chegam a compensar a enormidade de questões que as inspiraram. Somos demasiado conscientes desse fato, mas não sabemos como superar esse vazio. Tendo sido colocados na posição de ‘espectadores’ - de testemunhas que vêem o mal que se pratica, mesmo assim nada fazemos para evitá-lo nem sequer para preveni-lo - damos sempre a mesma desculpa por desengano de consciência: “Eu não sabia”. A única desculpa que resta é a que se apóia na impotência: “Faça eu o que fizer, de nada adiantará”. É uma fraca desculpa, pouco convincente, inclusive para nós mesmos. Suspeitamos – e com boas razões – que, na verdade, se trata do contrário, ou seja, que é importante, sim, o que fazemos ou deixamos de fazer... O fato é que, em nosso planeta, abarrotado de comunicação, dependemos todos uns dos outros, e o que se faz em uma parte do globo tem um alcance muito superior à visão e imaginação dos seus atores. Somos, em um grau difícil de medir, responsáveis pela situação dos outros. O que acontece é que não sabemos como assumir essa responsabilidade e o que ela exige. E carecemos dos instrumentos que poderiam fazer com que nossas preocupações e intuições morais revertessem em condições mais decentes para a humanidade, tornando o mundo mais inóspito para a indignidade humana e para a humilhação e mais acolhedor para a tenção mútua e para a solidariedade.

O espaço planetário submetido à lógica da globalização

El País – É aqui que entra o ‘problema da ação’ na sociedade global?

Zygmunt Bauman – O espaço planetário em que se formam as condições de nossas vidas compartilhadas, parece completamente ‘desregulamentado’: ainda que soubéssemos exatamente o que fazer para ajustar esse espaço a nossos valores éticos, não saberíamos quem seria capaz de realizar essa tarefa. Nos momentos de reflexão, sentimos que o espetáculo de ausência de regulações (e aqui entram os que promovem, com impunidade, os poderes e que deveriam ser os primeiros a demonstrar seu compromisso com padrões éticos globais) acaba servindo como convite a mais desordem, e que não há nenhuma força à vista, capaz de romper esse círculo vicioso. Estamos em uma era de experimentações, de ensaios e de erros. A maioria das conseqüências da globalização acelerada não foram previstas, e agora precisamos aprender, provavelmente a um preço alto, as habilidades sociais necessárias para

enfrentá-las e dominá-las. É ainda cedo para prever a forma final de coabitação humana planetária.

O sentido da comunidade planetária que se quer

El País – Em que consistiria essa ‘comunidade global’?

Zygmunt Bauman – Há uma coisa que se pode postular: a perspectiva de uma comunidade global é o horizonte último que devemos ter como referência para a pertinência de cada passo que damos até a sua consecução. O que nos aproxima dessa resposta ideal, do nosso destino comum, da interdependência, da responsabilidade mútua? E, mais do que isso, uma coisa que é de uma importância crucial: uma ‘comunidade’, para merecer este nome, deve apoiar-se na idéia de que os seus membros assumem uma responsabilidade compartilhada por cada um. Não pode haver uma comunidade sem um sentido e uma prática de responsabilidade. Assim como a capacidade do peso que agüentam as pontes é medida pela força de seus fracos pilares (e não pela ‘média estatística’ da força dos pilares), a solidariedade de uma comunidade deve ser medida pelo bem-estar e dignidade da vida dos seus membros mais fracos. Nossas prioridades, e mais ainda as nossas práticas, são, pois, chocantemente inadequadas; na realidade, distanciamo-nos cada vez mais do horizonte de uma comunidade planetária em vez de nos aproximarmos dela. Poderíamos apresentar inúmeros exemplos. A ONU pede 2,2 bilhões de dólares para iniciar a ajuda humanitária a um Iraque desolado pela guerra; conseguiu até o momento somente 390 milhões. Os Estados Unidos, principal autor da destruição do Iraque, destinou 275 milhões de dólares para a ajuda, enquanto a soma dedicada à guerra supera 55 bilhões de dólares. Há 115 milhões de crianças em todo o mundo sem acesso a nenhuma educação; dotá-las de escolas custaria 5,6 bilhões de dólares ao ano, uma décima parte da soma investida pelos Estados Unidos na destruição do Iraque. E não parece que a guerra se fez em nome de partilhar a riqueza dos ‘agressores’ com suas empobrecidas vítimas, e tampouco para mitigar a miséria de um mundo em que 20% da população controlam 86% da riqueza planetária.

A ‘sociedade civil global’

El País – Pode haver alguma esperança nessa nova sociedade civil global que se ativou com a guerra?

Zygmunt Bauman – A ‘sociedade civil global’ é outra coisa. Constitui-se no processo de criação de uma democracia planetária, e exige algo mais do que participar de manifestações e assinar abaixo-assinados, e até agora pouco se avançou nesse sentido. Por outro lado, o que emergiu no movimento de protesto mundial contra a guerra tem sido algo como um ‘sentimento de comunidade planetária’. Tem sido um exercício mundial de empatia; um descobrimento, em forma de chama, da semelhança dos seres humanos, de suas esperanças e temores, suas alegrias e sofrimentos. Geralmente, concebemos o mundo habitado por grupos étnicos, culturais e religiosos incompatíveis e hostis, e ao contrário de agirmos para que se diminuam as animosidades e se ‘enterrem’ as armas, chegamos sempre depois, e aí nos preocupamos com a possibilidade de vivermos juntos e, de fato, em paz. As imagens da miséria humana, provocadas pela guerra, revelaram a verdade oculta por detrás dessa crença comum. Descobriu-se vividamente que, debaixo de toda fragmentação, subjaz uma humanidade compartilhada; que são as nossas diferenças e não nossas similitudes que estão compostas artificialmente e que consomem a maioria dos nossos esforços para produzi-las e mantê-las vivas. A crueldade é crueldade, aconteça onde aconteça onde e contra quem aconteça?) Estamos, entretanto, muito longe de chegar a ser uma ‘comunidade planetária’, mas o sentimento de humanidade compartilhada é uma condição importante e precisa ser buscada,

como a descoberta que fizemos durante os protestos contra a guerra: que não há soluções locais para problemas gerados em escala global, que as questões globais devem ser enfrentadas e controladas globalmente.

A natureza do problema a ser enfrentado

El País – Há alguma possibilidade de que este novo movimento social possa articular-se através de uma ação política eficaz e com um sentido?

Zygmunt Bauman – Quaisquer que sejam as suas virtudes e os seus êxitos, o movimento contra a guerra sofre da debilidade comum a todos os movimentos de 'tema único': medram-se e morrem assim que a questão em objetivo desaparece da agenda; processam-se poucos vínculos humanos duradouros e deixam poucos traços estáveis sobre o pensamento humano e as práticas cotidianas. Além disso, à parte de suas vantagens, construir um movimento de massas em torno de um único objetivo tem sérios defeitos. Permite unificar grupos e categorias de pessoas que se movem por diferentes motivos e fins, que esquecem suas diferenças apenas por um determinado período. Quando a questão unificadora desaparece da atenção e preocupação do momento, as divisões voltam a se tornar presentes e quase sempre mais profundas e fortalecidas pela frustração. Não é possível um avanço decisivo até uma sociedade civil global ou uma comunidade mundial, enquanto a desigualdade e a injustiça planetária, que subjazem no fundo de nossas desconfianças, pré-juízos e inimizades mútuas não sejam enfrentadas sem rodeios e que se façam sérios e concentrados esforços para mitigá-las e recompô-las a longo prazo.

Frases da Semana

Bush segundo Lula

“Sem dúvida, Bush não é o presidente que me agrada e tampouco eu sou o presidente que ele desejaria, mas temos que nos entender”- Entrevista do atual presidente brasileiro, Lula, à imprensa estrangeira. **El País**, 29-5-03.

“Sei muito bem que se o meu projeto fracassa, não sou eu que fracasso, mas todo o movimento de esquerda que me levou ao Governo, que não levantará a cabeça nos próximos 50 anos”. Entrevista do atual presidente brasileiro, Lula, à imprensa estrangeira. **El País**, 29-5-03.

Lula: agenda de direita

“O núcleo da agenda de Lula é de direita. Essa política não se sustenta até o fim do ano. Para prazer do sistema financeiro, o Estado foi colocado em vida vegetativa. Ele se limita a pagar salários e juros. Uma taxa de desemprego acima de 15% sempre traz graves problemas sociais. Havia a esperança de um governo petista. Agora não há mais isso. No segundo semestre o desemprego estará em 23 ou 24%. Eu não me iludo com pesquisas de opinião. Vem aí um coice” – Cesar Benjamin, militante petista de 1980 até 1995, dono da Editora Contraponto, autor de vários livros, mensalmente escreve no jornal **Caros Amigos**, em entrevista publicada na **Folha de S. Paulo**, 1-6-03.

Lula e o poder

“O poder é transnacional, é o FMI, uma força que até pode desmobilizar o governo. Não chegamos ao poder, mas ao governo. Por enquanto, estamos respeitando as regras de um jogo

que não montamos. Além disso, não fizemos uma revolução, só ganhamos a eleição. Nem temos força para chutar o pau da barraca e mudar tudo. Acreditar nisso é ilusão — Frei Betto, no jornal **O Globo**, 27-5-03

O que é chegar ao poder? Betto cita o FMI como “poder”, em vez de governo. Então, o PT só vai começar a governar quando o Brasil puder comprar todas as cotas do Fundo e, assim, chegar ao “poder”? - Clóvis Rossi, jornalista, **Folha de S. Paulo** 28-5-03.

“Se Lula e o PT acham que não chegaram ao poder, o que estão fazendo lá em cima?” - Carlos Heitor Cony, escritor – **Folha de S. Paulo** 1-6-03.

“No que se refere à distribuição da riqueza, o mundo voltou aos anos 1920. Pois há um retrocesso notável na concepção igualitária das sociedades. Isto é um fato evidente nos EUA, mas também na Europa e nos países em desenvolvimento” – Paul Krugman, economista, numa conferência proferida em Madrid, Espanha, no 20º Congresso Mundial de Caixas de Poupança – **El País** 23-5-03.

DEU NOS JORNAIS

Bush e os alimentos transgênicos

Bush, a União Européia e a polêmica dos alimentos

Com este título, Jeremy Rifkin publicou um artigo no jornal *El País*, 1-6-03. Jeremy Rifkin, presidente da Fundação sobre Tendências Econômicas de Washington, autor de vários livros, entre os quais **O Século da Biotecnologia**, São Paulo: Makron, 1999.

J. Rifkin, inicia o artigo afirmando: “Se pensavam que a desavença do governo Bush com seus aliados europeus terminou com a campanha militar no Iraque, é preciso que se pense melhor. Agora a Casa Branca aponta para algo mais pessoal e explosivo: o tipo de alimentos que os europeus devem comer. Pois, George W. Bush denunciou que a proibição da União Européia dos alimentos transgênicos estava impedindo que os países em vias de desenvolvimento cultivassem cereais modificados geneticamente para sua posterior exportação, o que tinha como resultado um aumento da fome e da pobreza nas nações mais pobres do mundo”.

No artigo J.Rifkin constata que “as empresas alimentícias mundiais que exercem sua atividade na Europa têm respondido à aversão do público europeu aos alimentos transgênicos com a promessa de manter seus produtos livres de qualquer alimento geneticamente modificado. McDonald’s, Burger King, Coca-Cola, Nestlé e Unilever garantem que seus alimentos e bebidas não conterão organismo transgênicos”.

J. Rifkin conclui o artigo afirmando: “Na luta desatada entre o poder comercial mundial e a resistência cultural local, a polêmica dos alimentos transgênicos poderá ser o motivo fulcral que nos obrigue a recolocar as próprias bases do processo de globalização”.

Banco Central: juros altos é culpa do reajuste salarial

“O reajuste salarial dado aos trabalhadores no começo do ano, como reposição de perda do poder de compra do dinheiro provocada pela alta inflação no período, foi apontado pelo Banco Central como um dos principais fatores que levaram o Copom (Comitê de Política Monetária) a

manter inalterada a taxa básica de juros da economia (Selic) neste mês, em 26,5% ao ano. A justificativa consta na ata da reunião do Copom da semana passada, divulgada no dia 29-5-03. Deu na **Folha de S. Paulo** 30-5-03.

CUT: É uma aberração!

A CUT classificou como "aberração" o fato de o Banco Central justificar a manutenção dos juros altos em razão dos reajustes salariais concedidos aos trabalhadores no início do ano.

"Isso é, no mínimo, uma aberração. O movimento sindical reivindica a inflação passada para recuperar o poder de compra dos salários, recuperar o que a inflação já corroeu. Não pode ser responsabilizado pela inflação passada, nem pela futura e muito menos ainda pela manutenção dos juros altos", disse o presidente da CUT, João Felício. "Manter os juros altos é a única forma que o governo encontrou para segurar a inflação." Segundo o presidente da CUT, a massa salarial do país tem diminuído significativamente. "A massa salarial do país, nos últimos dez anos, passou de 44% do PIB [Produto Interno Bruto] para 36% até o final do ano passado. "Se ganhávamos menos do que ganhamos hoje, como podemos ser responsabilizados pela volta da inflação?" Felício afirmou ainda que o "cidadão que escreveu isso na ata [do Copom] carece de conhecimento de economia ou quer dividir a responsabilidade dos juros altos com os trabalhadores". Deu na **Folha de S. Paulo** 30-5-03.

Migrantes brasileiros nos EUA

"A pedido de Brasília, o Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos (INS, na sigla em inglês) adiou a deportação de 260 brasileiros detidos no Texas por terem tentado entrar ilegalmente no território americano, via México. Segundo fontes oficiais dos dois países, os brasileiros seriam repatriados hoje em vôo charter da TAM com destino a Belo Horizonte, contratado pelo INS para a operação". A notícia foi dada pelo **Estado de S. Paulo**, 28-5-03. E o jornal lembra que "os brasileiros estão entre os milhares de imigrantes que tentam chegar aos Estados Unidos de maneira ilegal pela fronteira com o México, mesmo que para isso tenham de arriscar a vida na travessia de desertos, tendo de enfrentar animais venenosos, como escorpiões, passar sede, fome, frio ou se defrontar com um policial logo depois de pular o muro. A fronteira, de cerca de 5 mil quilômetros de extensão, é vigiada por um forte contingente militar. Nem todos têm sucesso na empreitada, como a mineira Francelina Pereira da Costa, de 37 anos, que em março morreu congelada nas águas do Rio Grande. Ou, no caso mais recente, os sete brasileiros resgatados por autoridades americanas no dia 20 num deserto do Estado de Sonora, no norte do México. Os sete haviam sido abandonados sem provisões fazia dois dias pelas pessoas a quem tinham pago para ajudá-las a atravessar a fronteira".

Desemprego recorde. Renda cai

A taxa de desemprego no mês de abril chegou a 20,6% da População Economicamente Ativa (PEA). Na região metropolitana de São Paulo, já é a maior desde 1985, início da Pesquisa sobre Emprego e Desemprego da Fundação Seade e do Dieese. A notícia está estampada nos principais jornais do País. Segundo o **Estado de S. Paulo**, 29-5-03, a pesquisa revela ainda que a renda do trabalhador atingiu, em março (último dado disponível), o valor mais baixo desde 1985. De 1985 para cá, o rendimento dos ocupados perdeu 51% do poder aquisitivo. "A situação do mercado de trabalho é dramática", diz o diretor-técnico do Dieese, Sérgio Mendonça, sempre segundo o **Estado de S. Paulo**.

Antonio Negri: "Estamos trabalhando no segundo volume de Império"

Antonio Negri, co-autor do livro *Império*, Rio de Janeiro: Record, 2000, cuja apresentação abriu o projeto 'Abrindo o Livro' do Instituto Humanitas Unisinos, em entrevista publicada na revista CULT n.º 69, revela: "Já começamos a trabalhar no projeto de um segundo volume de 'Império', que se chamará Moltitudini (Multidões)". Já no livro Antonio Negri, '**Du retour. Abécédaire biopolitique. Entretiens avec Anne Dfourmantelle**', Paris: Calmann- Lévy, 2002, na página 96, Negri revela esta mesma intenção. Ele diz: "Haverá no livro, sem dúvida, análises sobre o poder, sobre as novas formas de organização, e toda uma série de classificações inéditas; trata-se igualmente de classificar os diferentes dispositivos de redução da subjetividade, de dominação da linguagem e dos corpos. Haverá um importante capítulo sobre a guerra, ou seja, sobre o que significa a guerra de classes, a guerra entre nações, qual o tipo de guerra que corresponde hoje ao Império... O problema é também buscar compreender se o contra-poder pode se exprimir por meio da guerra..."

Zoellick descarta negociação Mercosul-EUA

Representante comercial dos EUA também diz não ao atraso na conclusão da Alca. E deixou claro que a redução de subsídios agrícolas só ocorrerá se o País se aliar aos Estados Unidos na OMC - Esta é a manchete de capa do jornal *Estado de S. Paulo* 28-5-03. O sítio do PT publica um artigo do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral do Itamaraty sobre a Alca. Vale a pena conferir.

Reinvenção do socialismo

Monique Canto-Sperber, filósofa, organizadora do 'Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale', Paris: PUF, 1999, .3 ed., 1719 p, que está sendo traduzido pela Editora Unisinos, publica, no jornal francês *Libération*, 28-5-03, o artigo 'Réinventer le socialisme'. Para a filósofa, "o futuro do socialismo está ligado à sua capacidade de encontrar novas idéias para repensar o lugar da pessoa humana no mundo moderno".

A esquerda entre Norte e Sul

"Enquanto o presidente brasileiro Lula participa do G8 de Evian, o seu ministro Tarso Genro, responsável pelo Desenvolvimento econômico e social, se encontrará nesta quarta-feira, dia 4 de junho, em Roma, com o ex-ministro francês das finanças Dominique Strauss Kahm, o presidente do Ds Massimo D'Alema e o britânico Peter Mandelson para discutir o tema 'Depois da guerra, a esquerda entre Norte e Sul' " – esta é a notícia dada pelo *Il Corriere della Sera* 1-6-03.

IHU Idéias

EDUCAÇÃO PARA A PAZ

No dia 29, IHU Idéias abordou o tema *A educação para a paz: sentidos, tensões e dilemas*. O encontro foi conduzido pelo prof. Dr. Pe. Marcelo Rezende Guimarães, que apresentou alguns aspectos pesquisados para sua tese de doutorado em Educação intitulada *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. Sobre o tema confira a entrevista que publicamos no **IHU On-Line** edição nº 51, de 17/3/2003.

Ecos do Evento

Pe. Marcelo Rezende foi muito feliz em trabalhar a questão da paz, pois o caminho é bem por aí. A paz precisa ser semeada para poder ser colhida. A educação é uma brecha, para que este trabalho possa ser feito. Parabéns pelo evento.

Luciana Tavares,
Aluna de Pedagogia da Unisinos

A palestra me fez pensar que a paz não está fora de nós, onde muitos a procuram, e sim dentro de nós onde poucos a encontram...

Vágner Bertoli de Souza,
aluno da Escola Municipal Prefeito João Freitas Filho
Sapucaia do Sul.

Normalmente, ligamos a paz a uma “oposição à violência”. Entretanto, por meio do trabalho ***Educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas***, do professor Marcelo Rezende percebemos que esse raciocínio é produzido culturalmente. Nós, educadores, devemos buscar um entendimento mais profundo da paz, sua história, sua construção no Ocidente e seus aspectos filosóficos, que, sem dúvida, exerce influência na sociedade. Assim o trabalho do Prof. Marcelo Rezende nos auxilia a ter uma visão mais complexa sobre a temática da paz, ao mesmo tempo em que nos instiga a buscar mais, a fim de que possamos nos instrumentalizar para trabalharmos com nossos alunos nas escolas.

Jaqueline Silveira Bahia,
Professora de Ensino Municipal.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de junho:

05/06/03 – “DNA: potencialidades e polêmicas 50 anos depois” – Prof^a. Dr^a. Jaqueline Josi Samá Rodrigues – Professora na Unisinos.

12/06/03 – “A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política” – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro – Professor na USP.

26/06/03 – “José Martí: filho do mundo colonial e precursor do antiimperialismo” – Prof. Dr. Werner Altmann - Professor na Unisinos.

Lembramos que o evento acontece às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e chocolate quente.

Ciclo de Estudos sobre o Brasil

Na próxima quinta-feira dia 5 de junho, na sala 1C103, das 14h às 17h, haverá mais uma etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil. No evento, será abordada a obra **Os Sertões** de Euclides da Cunha, com a Prof^a. Dr^a. Márcia Lopes Duarte, doutora e mestre em Letras pela UFRGS, com tese intitulada: *Os Sussurros da Sombra: A Literatura Escrita por Mulheres na América Latina como (Sub)Versão da História*. IHU On-Line conversou com Márcia Lopes Duarte e com o antropólogo e doutor em Letras e Filosofia, o Jesuíta italiano Francisco Sparta, sobre Euclides Da Cunha e sua obra. Francisco Sparta é autor de **A Dança dos Orixás: as relíquias brasileiras da Afro-Ásia pré-bíblica** (São Paulo: Harder, 1970) e dedica-se à tradução para o português da obra do autor italiano Alessandro Manzoni.

Lembramos que, no dia 12 de junho, acontecerá a última etapa do semestre do Ciclo de Estudos sobre o Brasil com o tema – **A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional** – com o Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, no Auditório Maurício Berni, Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, das 20h às 22h.

BRASIL: ENTRE O SERTÃO E O LITORAL

Entrevista com Márcia Lopes Duarte

IHU On-Line- Qual a visão sobre o Brasil e o brasileiro dada por Euclides Da Cunha em **Os Sertões**?

Márcia Lopes Duarte- A visão que Euclides tem do Brasil e dos brasileiros é paradoxal, pois, se, de um lado ele percebe o Brasil como um país atrasado e mergulhado na ignorância; de outro, a partir da construção de seu texto, ele nos mostra as grandes batalhas empreendidas pelo povo brasileiro, a fim de resgatar um pouco de sua dignidade.

IHU On-Line- Qual é a atualidade da obra, 100 anos depois?

Márcia Lopes Duarte- O texto de Euclides da Cunha é extremamente atual, uma vez que ainda hoje o Brasil não conseguiu sanar suas principais contradições internas, dentre elas a discrepância entre o sertão e o litoral, que foram expressas em 1902 pelo jornalista e escritor.

IHU On-Line- Como descreveria o imaginário de sociedade de Euclides Da Cunha?

Márcia Lopes Duarte- A sociedade que Euclides idealizava era a do progresso, aquela em que a civilização venceria definitivamente a barbárie. No entanto, ao longo da obra, podemos perceber que ele é confrontado com sua própria posição teórica, visto que, na prática, aqueles que deveriam representar a civilização se mostraram mais aptos à barbárie que aqueles que eram considerados os incivilizados.

IHU On-Line- Que autores mais influenciaram o pensamento Euclidiano?

Márcia Lopes Duarte- Euclides da Cunha foi amplamente influenciado, e tal perspectiva é evidente em **Os Sertões**, pelo cientificismo e pelo positivismo que predominavam em nossas escolas na época. Certamente há um filão de textos que foram precedidos pela obra magistral de Euclides, tanto no que se refere ao âmbito histórico como ao literário. Quanto à Literatura, podemos destacar pelo menos um autor de fôlego: João Guimarães Rosa que, ao escrever a saga dos jagunços em **Grande Sertão: Veredas**, teve uma influência clara e direta de Euclides.

**“EUCLIDES ABOLE A DISTÂNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA”
entrevista com Francisco Sparta**

IHU On-Line- Como o Sr. descreveria o estilo de Euclides Da Cunha?

Francisco Sparta- Benedetto Croce, professor de estética italiano, disse que Arte é a síntese entre o sentimento e a fantasia. Ou seja, que deve haver sentimento na literatura. Euclides expressa uma grandeza de sentimento incomparável. Sentimento de revolta pela crueldade, sentimento de amor encolerizado pelo Brasil. E o sentimento do homem culto expressa-se numa prosa forte. Não conheço ninguém mais forte que ele no Brasil. Ele transforma a língua com essa força. Me lembra às antigas padarias quando moldavam o pão com suas próprias mãos. Ele fez a língua servir dele e não foi ele seu servo. Um escritor forte como Euclides Da Cunha precisa de um leitor forte. A maioria de nós não escreve com paixão, mas se você pega alguém que foi traído pelo namorado ou namorada pega a pena e a folha fica ardente. Isso é belíssimo em Euclides. O maior ensaísta moderno que estudou Euclides Da Cunha é Roberto Ventura que morreu tragicamente no ano passado, voltando da semana Euclidiana. Ele era o maior conhecedor de Euclides, ia publicar um livro chamado “Euclides”. Ele disse algo com o que eu concordo totalmente: “o escritor superou seu tema particular, a guerra nos Sertões da Bahia, para criar uma obra híbrida que abole a distância entre história e a literatura”. Euclides é um historiador, um literato, é correto em tudo, até as informações sobre as idades das rochas e tantas outras citadas no livro foram muito bem apuradas.

IHU On-Line- Como o Sr. vê as contradições apontadas pelos críticos em *Os Sertões*?

Francisco Sparta- De fato essas contradições existem. Há momentos que os mestiços são considerados inferiores e outros momentos são considerados gigantes. “O sertanejo é, antes de mais nada, um forte”. Também há contradições sobre sua visão da Bahia. Mas, ele aborda coisas belíssimas como o martírio da terra, o martírio do homem. Ele é muito participante, sente o sofrimento tanto dos matutos quanto dos soldados. Euclides foi muito humano e é isso que precisa um escritor. Você não pode olhar o ser humano como a uma estátua. Ele é amor, é cólera, é muitas outras coisas ao mesmo tempo. Um escritor deve amar o ser humano ou, se ele é malvado, deve odiá-lo, mas nunca toma-lo como entretenimento. *Os Sertões* foi definida por Joaquim Nabuco como a Bíblia de nossa nacionalidade. E realmente, quanto mais você lê *Os Sertões*, mais compreende o Brasil e mais brasileiro se torna.

IHU On-Line- Como o Sr., sendo italiano chegou-se a apaixonar por esse autor?

Francisco Sparta- Quando comecei ler Euclides Da Cunha gostei de mais, mas nos últimos tempos descobri que ele é o escritor dos meus sonhos. Há vinte anos trabalho, junto com uma equipe, na tentativa de traduzir para o português o romance de Alessandro Manzoni, a maior obra em prosa escrita em italiano. Uma tarefa impossível de realizar por causa da riqueza de sua linguagem. Nos últimos meses, tenho encontrado semelhanças entre Euclides e Manzoni.

IHU On-Line- Quais são essas semelhanças entre ambas obras?

Francisco Sparta- Quando você lê os contos de Machado de Assis, melhores que seus romances, nota que foram escritos para entreter. Euclides não escreve para entreter, ele quer transformar, mudar o Brasil. Essa força literária ao tratar um assunto histórico é o que eu também identifico em Manzoni. Ele escreveu o maior romance histórico da Itália, não é um livro

de entretenimento, é uma crítica da humanidade. Por isso é muito difícil de traduzir porque deve ter sido muito difícil de construir.

Abrindo o livro

No dia 29 de maio, na Sala de Seminário 2 da Biblioteca da Unisinos, foi realizada a segunda edição de **Abrindo o Livro**, com a apresentação da obra **História da Guerra do Peloponeso**, de Tucídides, apresentada pelo Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Vargas é doutor em História Social, pela Universidade de São Paulo, USP e mestre em História, pela UFRGS. IHU On-Line conversou com o historiador a respeito da obra apresentada.

IHU On-Line- O que o livro revela sobre o paradigma de comportamento de uma sociedade?

Anderson Z. Vargas- Antes de mais nada, é preciso ressaltar que a *História* (Proponho usar *História* para designar a obra de Tucídides) é um exemplo de "obra aberta", capaz de permitir múltiplas interpretações aos seus leitores. Isso é consequência dos silêncios e das imprecisões do autor - curiosamente enaltecido pela sua devoção ao rigorismo em todos os sentidos -, das peculiaridades do grego antigo, da ausência de uma chave explicativa. A "Guerra dos peloponésios e atenienses" não é simples crônica de um conflito militar. Este, tal como abordado pelo historiador ateniense, é um fenômeno de magnitude, complexidade e profundidade tais que a sua escrita torna-se uma meditação sobre a possibilidade de o homem agir de forma consequente. É uma reflexão sobre a possibilidade de os planos serem realizados tal como idealizados, a despeito do acaso - a *týche* grega - e do próprio homem, individual e coletivamente considerado. Tucídides destaca, por um lado, o caráter e mesmo a *natureza* particular de certos indivíduos, como Pércles e Temístocles, sublinhando especialmente suas inteligências superlativas; por outro, o *ethos* de cada comunidade grega também é apresentado como variável da história: os atenienses com sua ousadia e gosto pela inovação, os lacedemônios com sua cautela, algumas vezes acusada de ser, na realidade, simples falta de iniciativa.

IHU On-Line- O livro revela, então, importantes aspectos em relação ao comportamento social da época?

Anderson Z. Vargas- No tocante a comportamento social, destaco duas passagens em particular: o relato da "peste" (entre aspas porque até hoje ignoramos o que foi tal doença), e da *stásis*, o termo grego para conflito civil. São duas narrativas que mostram a precariedade e a vulnerabilidade da ordem social. No primeiro caso, a sociedade ateniense mergulha na anomia em razão de uma experiência que sobrepuja a capacidade humana de entendimento e de resistência ao sofrimento. Frente a uma experiência mortal - para a qual não encontram explicação e tratamento humano ou divino -, e que vitima indiferentemente ricos e pobres, virtuosos e viciosos, os atenienses deixam de respeitar qualquer norma social. Prescrita pelos homens ou pelos deuses, toda regra usual é abandonada; os atenienses elegem como *bem* a satisfação imediata dos seus interesses e prazeres individuais. No caso da *stásis*, a maioria dos homens tem seu caráter moldado pelas circunstâncias extremas da guerra, que suprime a satisfação das necessidades cotidianas. O cenário descrito por Tucídides é de um mundo de ponta-cabeça, onde o que era considerado *mal* passa a ser considerado um *bem*, onde o virtuoso é vitimado, onde os juramentos são descumpridos, no qual novamente as regras humanas e divinas sucumbem ao peso das circunstâncias.

Nos dois casos, Tucídides parece mostrar que a suprema criação grega, a vida na pólis, era algo precário, vulnerável a certas experiências extremas que convulsionavam a vida cotidiana, transtornando a mente e o espírito da maioria dos seres humanos. Digo *maioria* porque parece que Tucídides sugere que um grande homem como Péricles poderia escapar ao peso das circunstâncias. Mas é bom lembrar que o próprio estrategista¹ ateniense falece em decorrência de algo circunstancial: a peste.

IHU On-Line- De que forma *História da Guerra do Peloponeso* ajuda a compreender a recente guerra dos EUA e do Iraque e a situação de domínio universal dos EUA?

Anderson Z. Vargas- Segundo notícias, os norte-americanos têm lido a obra de Tucídides em busca de orientação no contexto do mundo pós-guerra-fria. O Secretário de Estado Colin Powell teria uma frase da *História* decorando sua mesa, alguns intelectuais norte-americanos se sentiriam como "novos atenienses".

Um bom número de historiadores, no entanto, é reticente quanto à possibilidade de aproximar fenômenos muito distantes no tempo. Eu diria que, sendo uma reflexão sobre a ação humana no contexto extremo de um conflito militar, a obra de Tucídides pode ser de muita valia para a compreensão de qualquer guerra. Por exemplo: mesmo o Péricles de Tucídides - que propugnava aos seus concidadãos a manutenção, a todo custo, da estratégia decidida em comum de permitir a devastação de seu território enquanto empreendiam ações no mar que dominavam -, sabia que uma vez iniciado um conflito os acontecimentos podiam assumir as formas mais imprevisíveis. E outros oradores mencionam o imponderável que muitas vezes arruína o mais cuidadoso planejamento.

Lembrei-me desse aspecto da *História* quando, mesmo enfrentando um país cuja capacidade militar estava gravemente comprometida, os EUA e seus aliados acabaram sendo surpreendidos pela resistência iraquiana no início da guerra, pela deficiência do planejamento "aliado" e mesmo por eventos climáticos. Há pouco, o Presidente Bush, em um de seus discursos pronunciados, tendo como pano de fundo tanques e aviões de guerra, disse que os norte-americanos tinham redefinido a guerra conforme a sua vontade. A pretensão humana de controlar o curso dos acontecimentos é uma das grandes vítimas na obra tucidideana.

IHU On-Line- Qual é a importância e possíveis associações do *Discurso Fúnebre* de Péricles?

Anderson Z. Vargas- O funeral público era um evento religioso que consagrava cidadãos-heróis mortos, demonstrando o apreço dos cidadãos sobreviventes pelos que tinham morrido na defesa da pólis, ou na defesa dos interesses desta. Era uma honra ser escolhido como orador, e o discurso fúnebre tornou-se um gênero retórico de grande importância no mundo grego. A análise do *Discurso Fúnebre* de Péricles revela a pólis ideal, um modelo que devia ser perseguido pelos atenienses e uma mensagem a ser divulgada através da Hélade. Há muitos aspectos que podem ser explorados. Destaco alguns.

É, como disse, uma louvação da morte, da "bela morte cidadã". Isso pode chocar certa sensibilidade contemporânea, que não reconhece outro valor acima da preservação da vida. Ser cidadão no Mundo Grego Antigo, contudo, incluía assumir a obrigação de arriscar sua vida pela pólis. Esta, é bom ressaltar, é a comunidade de cidadãos, e todos, ricos e pobres, magistrados ou não, estavam sujeitos a esta obrigação. Em seu *Discurso*, inclusive, o estrategista ateniense afirma que a participação adequada nas assembleias somente podia ocorrer se todos

¹ Estrategista era a máxima magistratura ateniense no tempo da Guerra do Peloponeso. Qualquer cidadão podia concorrer a tal cargo, que podia ser exercido por vários mandatos sucessivos. Envolvia a liderança política, bem como comando militar.

os cidadãos tivessem a vida de seus filhos colocadas em jogo nas deliberações. Péricles não somente exalta os cidadãos-heróis mortos, mas também insta os vivos a seguirem seu exemplo quando fosse chegada a hora. Todos deviam aceitar os riscos inerentes à cidadania, razão maior da *glória* de Atenas. Uma *glória* que, com orgulho excessivo, Péricles afirmou dispensar o serviço de poetas como Homero, cujas palavras, acrescentou, podiam ser desacreditadas pelos fatos. As realizações atenienses é que garantiriam a perenidade do nome de sua pólis. De forma admiravelmente sincera, Péricles menciona que tais realizações incluíam "bens" e "males" causados a terceiros. Nesse caso, não há nada de "falsa consciência" na mensagem ideológica do *Discurso*.

IHU On-Line- Já que "o conhecimento exato do passado é a melhor ajuda para compreender o futuro", que possíveis caminhos de futuro o livro poderia estar iluminando?

Anderson Z. Vargas- Tucídides prometeu que sua escrita seria uma "posse para sempre" - não oferecia o deleite proporcionado pelo mítico, mas a sobriedade da verdade sobre acontecimentos que poderiam voltar a acontecer, de forma semelhante ou análoga, em razão do seu caráter humano.

Há muitos livros escritos sobre o sentido dessa promessa e creio que nunca chegaremos a um acordo. Não creio que Tucídides "ilumine" o futuro da forma como gostaríamos, no sentido de uma "previsão clara" do que acontecerá. Ele também não tinha nenhuma proposta utópica - o mundo para ele era o mundo da pólis grega, com todas as suas imperfeições e problemas. Hoje há uma tendência historiográfica que valoriza o aspecto trágico da *História*, no sentido que ela mostraria o que mencionei anteriormente: a distância que há entre intenções, atos e conseqüências. Nesse caso, a leitura de Tucídides, ao demonstrar a complexidade e os riscos inerentes à ação humana, recomendaria reflexão e moderação, mas não inação.

IHU On-Line- O esboço do preâmbulo da futura Constituição europeia é precedida de uma citação de Tucídides (400 a. C.): "A nossa Constituição se chama democrática porque o poder está nas mãos não de uma minoria, mas do povo inteiro". Qual o conceito de democracia para o autor?

Anderson Z. Vargas- Essa frase foi retirada do *Discurso Fúnebre* de Péricles. Compõe, portanto, o modelo ideal de Atenas apresentado por Tucídides. De forma geral, se recomenda não confundir, *a priori*, as posições dos oradores da *História* com as de seu autor. Essa é outra razão para podermos fazer múltiplas interpretações da obra de Tucídides. Há intérpretes que consideram o historiador ateniense como filoespartano, outros como simpático à democracia, ou à democracia moderada instaurada depois do Regime dos 400, o qual interrompera a normalidade democrática. Tucídides a elogia por equilibrar o poder de aristocratas e do dêmos, o "povo" ateniense, e considera tal regime razão maior da recuperação de Atenas depois da catastrófica derrota de sua expedição à Sicília. Pode-se lamentar que Tucídides não seja explícito - a ambigüidade não se coaduna com nosso desejo de clareza e de univocidade - mas ela é razão da riqueza da *História* e de sua perenidade até este momento.

IHU Repórter traça o perfil de:

Haide Maria Hupffer



Haide Maria Hupffer é diretora de extensão na Unisinos. Natural de Horizontina, segunda filha, entre seis irmãos, guarda lembranças dos fortes laços estabelecidos na família. Haide está casada com o economista Waldyr Servelin Filho há 15 anos.

Família- Minha família é muito grande. Morávamos perto dos avós, dos primos e dos tios. Da minha infância e juventude, guardo nitidamente as amizades daquela época e daquele lugar: os grupos da juventude católica e os trabalhos sociais em prol da comunidade nos grupos do Interact, organização vinculada ao Rotary Club.

Trajetória- Iniciei a trabalhar com 13 anos, como auxiliar de farmácia no Hospital de Horizontina. Em Santa Rosa, cursei Ciências Contábeis e me especializei em Administração Hospitalar em Porto Alegre. Formei-me com 22 anos e vim trabalhar na Unisinos como secretária de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão.

Em São Leopoldo- No início, foi muito difícil me adaptar. Estava acostumada a uma vida de muitas atividades, tanto no lado social como no lado profissional. Na Unisinos a área era relativamente nova e isso exigiu ampliar ações, buscar trabalho em outras áreas. Isso permitiu conhecer a casa e estabelecer muitas relações. Em 88, comecei a cursar Direito aqui na Unisinos, depois fiz o Pós-Graduação em Recursos Humanos e dez anos depois iniciei o Mestrado em Direito e no ano passado comecei o Doutorado em Direito.

Diretoria de Extensão- A nossa atividade é muito gratificante. Lidamos com a comunidade, desde a carente, até a realização de eventos, integração da Universidade e a empresa, integração do aluno no mercado de trabalho, cultura, arte, etc. O trabalho nos exige criatividade, empreendedorismo e entusiasmo pelo novo.

Autor- Um que estou usando muitíssimo no doutorado é Hans-Georg Gadamer.

Livro- *Catadores de Concha*, de Rosamunde Pilcher, porque mostra a força da mulher e ***O Tao da Mulher***, de Diane Dreher.

Filme- Em nome do Pai, de Jim Sheridan. Mostra como um pai e uma mãe se isolam na dor e não percebem que têm outros filhos. Por não compartilhar a dor, não permitem a entrada de outros, terminam perdendo coisas importantes.

Um presente- Qualquer coisa. O que é dado com amor me agrada.

Nas horas livres- Curto meu sítio, em Lomba Grande. Desfruto daquela visão do alto, daquele silêncio, daquela paz...

Sonho- Concluir o doutorado e, depois de me aposentar, trabalhar em um projeto social que me permita realizar algo pelo outro na área do direito, talvez retomar as minhas lutas da juventude.

Momentos felizes- Quando percebo que consigo superar limites que eu mesma crio. Poder fazer mestrado, doutorado, por exemplo, são momentos assim.

Uma frase- Nunca aceite um não sem antes batalhar bastante, enfrente barreiras e siga seu sonho. Nós somos responsáveis pelas escolhas que fizemos ao longo da vida.

Unisinos- Minha vida, minha família.

IHU- Vejo o IHU como um espaço de discussões de temas considerados patrimônio comum da humanidade. Um espaço muito qualificado em termos de avanços científicos e um espaço de ousadia, de preocupação pelo ser humano e pelo social.

MEMÓRIA

Ilya Prigogine

Ilya Prigogine, físico belga de origem soviética e prêmio Nobel de Química, em 1977, faleceu no dia 28 de maio, em Bruxelas, aos 86 anos.

Ilya Prigogine nasceu em Moscou, no dia 25 de janeiro de 1917. Seus pais se trasladaram, quatro anos depois, para a Bélgica, adotando esta nacionalidade. Apaixonado por piano, optou por estudar Física e Química na Universidade Livre de Bruxelas, onde foi professor de Termodinâmica. Foi catedrático de Química no Instituto Enrico Fermi da Universidade de Chicago, de Física e Engenharia Química na Universidade de Texas e diretor do Instituto de Mecânica e Termodinâmica. Ele tornou-se mais conhecido por sua Teoria do Caos ou Teoria dos Sistemas Dinâmicos Não Lineares. “O caos possibilita a vida e a inteligência. O cérebro foi selecionado para tornar-se tão instável que o menor efeito pode conduzir à formação da ordem”, assinalava I. Prigogine. Ele também trabalhou o que denominou as ‘estruturas dissipativas’. Assim, ele contribuiu para a compreensão dos projetos irreversíveis. Os resultados do seu trabalho sobre as estruturas dissipadoras estimularam muitos cientistas e podem ter grandes conseqüências para a nossa compreensão dos sistemas biológicos. Nos últimos tempos, Prigogine se ocupava de problemas epistemológicos e filosóficos.

Para Prigogine, “a música é o verdadeiro paradigma da ciência moderna, pois, como a música, os eventos que são objeto da ciência vêm do silêncio e voltam ao silêncio”.

A ele devemos, talvez, a contribuição mais significativa no sentido de ter colocado em discussão a visão tradicional de um universo como ajuntamento de partes simples. A ele devemos a proposta de uma nova e necessária aliança entre a vida e a matéria, entre a experiência vivida do tempo e o vir-a-ser físico-químico.

Num belo artigo intitulado “Prigogine, a natureza do tempo”, o jornal italiano Il Manifesto, 29-5-03, escreve: “Prigogine renovou a inter-relação entre ciência, filosofia e cultura, que, depois da Segunda Guerra, parecia ter-se dissolvido em firulas; não surpreende que o seu percurso se encontrou com o intento de todos aqueles que, como Michel Serres e Calvino, buscaram fazer com que campos separados se comunicassem. Desta busca, com a participação fundamental de Prigogine, emerge a base de uma ética fundada sobre a imagem de um universo no qual somos todos chamados a colaborar”.

Em português, entre outras, destacamos três obras: O fim das certezas. Tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Unesp, 1996; Ilya Prigogine & Isabelle Stengers. Entre o tempo e a eternidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, com um prefácio escrito especialmente para a edição brasileira. Os autores escrevem: “Hoje, a paixão que anima as ciências, está mais viva do que nunca, mas está mudando de significado. As ‘leis’ da natureza, tais como agora as podemos decifrar, são as leis de um Universo aberto. Elas se referem a probabilidades de evolução, num futuro que elas não determinam. Elas não negam a aventura humana, da qual constituem um acabamento, mas, pelo contrário, afirmam o caráter irredutível daquilo sem o que esta aventura seria carente de sentido. Elas constroem uma ‘passagem estreita’ entre duas formas de alienação: a submissão a leis que reduzem a invenção a uma aparência e o jogo arbitrário de acontecimentos aleatórios, ininteligíveis. É este momento privilegiado, este ponto de bifurcação que constitui o objeto deste livro”.

Ele também é autor, juntamente com Isabelle Stengers, do livro A nova aliança, Brasília: Editora da UnB, 1997.

Mais recentemente a editora Unesp publicou o livro As Leis do Caos. Uma resenha desse livro, de autoria de Nelson Fiedler- Ferrara, professor do Instituto de Física da USP, foi publicada na Folha de S. Paulo, 8-3-03 e pode ser encontrada também no IHU On-Line, n. 56, 22 de abril de 2003, p. 19-21.

Em tempos de discussão da transdisciplinaridade, uma das opções estratégicas da Unisinos e do IHU, o estudo da contribuição de Ilya Prigogine é imprescindível.

O IHU já agendou um IHU Idéias, no mês de agosto, sobre este tema. Dedicaremos este evento, de maneira especial, à memória de Ilya Prigogine.

Celebrando a memória de Ilya Prigogine, reproduzimos a ‘Carta para as futuras gerações’, de sua autoria, publicada no albor do terceiro milênio, na Folha de S. Paulo, 30-01-2000.

Carta para as futuras gerações

“Escrevo esta carta na mais completa humildade. Meu trabalho é no domínio da ciência. Não me dá qualquer qualificação especial para falar sobre o futuro da humanidade. As moléculas obedecem a “leis”. As decisões humanas dependem das lembranças do passado e das expectativas para o futuro. A perspectiva sob a qual vejo o problema da transição da cultura da guerra para uma cultura de paz - para usar a expressão de Federico Mayor - se obscureceu nos últimos anos, mas continuo otimista.

De qualquer forma, como poderia um homem da minha geração - nasci em 1917 - não ser otimista? Não vimos o fim de monstros como Hitler e Stálin? Não testemunhamos a miraculosa vitória das democracias na Segunda Guerra Mundial? No final da guerra, todos nós acreditávamos que a História recomeçaria do zero, e os acontecimentos justificaram esse otimismo.

Os marcos da era incluem a fundação da Organização das Nações Unidas e da Unesco, a proclamação dos direitos do homem e a descolonização. Em termos mais gerais, houve o reconhecimento das culturas não européias, do qual derivou uma queda do eurocentrismo e da suposta desigualdade entre os povos "civilizados" e os "não-civilizados". Houve também uma redução na distância entre as classes sociais, pelo menos nos países ocidentais.

Esse progresso foi conquistado sob a ameaça da Guerra Fria. No momento da queda do Muro de Berlim, começamos a acreditar que enfim seria realizada a transição da cultura da guerra para a cultura da paz. No entanto, a década que se seguiu não tomou esse rumo. Testemunhamos a persistência, e até mesmo a ampliação, dos conflitos locais, quer sejam na África, quer nos Bálcãs. Isso pode ser considerado, ainda, como um resultado da sobrevivência do passado no presente. No entanto, além da ameaça nuclear sempre presente, novas sombras apareceram: o progresso tecnológico agora torna possível guerras travadas premindo botões, semelhantes de alguma forma a um jogo eletrônico.

Sou uma das pessoas que ajudaram a formular as políticas científicas da União Européia. A ciência une os povos. Criou uma linguagem universal. Muitas outras disciplinas, como a economia e a ecologia, também requerem cooperação internacional. Fico, por isso, ainda mais atônito quando percebo que os governos estão tentando criar um exército europeu como expressão da unidade da Europa. Um exército contra quem? Onde está o inimigo? Por que esse crescimento constante nos orçamentos militares, quer na Europa, quer nos Estados Unidos? Cabe às futuras gerações tomar uma posição sobre isso. Na nossa era, e isso será cada vez mais verdade no futuro, as coisas estão mudando a uma velocidade jamais vista. Vou usar um exemplo científico.

Quarenta anos atrás, o número de cientistas interessados na física de estado sólido e na tecnologia da informação não passava de umas poucas centenas. Era uma "flutuação", quando comparado às ciências como um todo. Hoje, essas disciplinas se tornaram tão importantes que têm conseqüências decisivas para a história da humanidade.

Bifurcações

Crescimento exponencial foi registrado no número de pesquisadores envolvidos nesse setor da ciência. É um fenômeno de proporção sem precedentes, que deixou muito para trás o crescimento do budismo e do cristianismo. Em minha mensagem às futuras gerações, gostaria de propor argumentos com o objetivo de lutar contra os sentimentos de resignação ou impotência. As recentes ciências da complexidade negam o determinismo; insistem na criatividade em todos os níveis da natureza. O futuro não é dado. O grande historiador francês Fernand Braudel escreveu: "Eventos são poeira". Isso é verdade? O que é um evento? Uma analogia com "bifurcações", estudadas na física do não-equilíbrio, surge imediatamente. Essas bifurcações aparecem em pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em "ramos". Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. No geral, não se vê apenas uma bifurcação. Elas tendem a surgir em sucessão. Isso significa que até mesmo nas ciências fundamentais há um elemento temporal, narrativo, e isso constitui o "fim da certeza", o título do meu último livro. O mundo está em construção, e todos podemos participar dela.

Metáforas úteis

Como escreveu Immanuel Wallerstein: "É possível - possível, mas não certo - criar ou construir um mundo mais humano e igualitário, melhor ancorado no racionalismo material". Flutuações do nível microscópico decidem que ramo emergirá em cada ponto de bifurcação, e, portanto, que evento acontecerá. O apelo às ciências da complexidade não significa que estejamos sugerindo que as ciências humanas sejam "reduzidas" à física. Nossa empreitada não é de redução, mas de reconciliação. Conceitos introduzidos das ciências da complexidade podem

servir como metáforas muito mais úteis do que o tradicional apelo a metáforas newtonianas. As ciências da complexidade, assim, conduzem a uma metáfora que pode ser aplicada à sociedade: um evento é a aparição de uma nova estrutura social depois de uma bifurcação; flutuações são o resultado de ações individuais. Todo evento tem uma "microestrutura". Tomemos um exemplo histórico: a Revolução Russa de 1917. O fim do regime czarista poderia ter tomado diferentes formas, e o ramo seguido resultou de diversos fatores, tais como a falta de previsão do czar, a impopularidade de sua mulher, a debilidade de Kerensky, a violência de Lênin. Foi essa microestrutura, essa flutuação, que determinou o desfecho da crise e, assim, os eventos que a ela se seguiram. Desse ponto de vista, a história é uma sucessão de bifurcações. Um exemplo fascinante de como isso transcorre é a transição da era paleolítica para a neolítica, que aconteceu praticamente no mesmo período em todo o mundo (esse fato é ainda mais surpreendente dada a longa duração da era paleolítica). A transição parece ter sido uma bifurcação ligada a uma exploração mais sistemática dos recursos minerais e vegetais. Muitos ramos emergiram dessa bifurcação: o período neolítico chinês, com sua visão cósmica, por exemplo, o neolítico egípcio, com sua confiança nos deuses, ou o ansioso período neolítico do mundo pré-colombiano. Toda bifurcação tem beneficiários e vítimas. A transição para a era neolítica trouxe a ascensão de sociedades hierárquicas. A divisão do trabalho implicou em desigualdade. A escravidão foi estabelecida e continuou a existir até o século 19. Ainda que o faraó tivesse uma pirâmide como tumba, seu povo era enterrado em valas comuns. O século 19, da mesma forma que o 20, apresentou uma série de bifurcações. A cada vez que novos materiais eram descobertos - carvão, petróleo ou novas formas de energia utilizável -, a sociedade se transformava. Será que não se poderia dizer que, tomadas como um todo, essas bifurcações conduziram a uma maior participação da população na cultura, e que, de lá por diante, as desigualdades entre as classes sociais nascidas na era neolítica começaram a diminuir?

Próximos de uma bifurcação

No geral, bifurcações são a um só tempo um sinal de instabilidade e um sinal de vitalidade em uma dada sociedade. Elas expressam também o desejo por uma sociedade mais justa. Mesmo fora das ciências sociais, o Ocidente preserva um espetáculo surpreendente de bifurcações sucessivas. A música e a arte, por exemplo, mudam a cada 50 anos. O homem continuamente explora novas possibilidades, concebe utopias que podem conduzi-lo a uma relação mais harmoniosa entre homem e homem e homem e natureza. E esses são temas que ressurgem constantemente nas pesquisas de opinião sobre o caráter do século 21.

A que ponto chegamos? Estou convencido de que estamos nos aproximando de uma bifurcação conectada ao progresso da tecnologia da informação e a tudo que a ela se associa, como a multimídia, robótica e inteligência artificial. Essa é a "sociedade de rede", com seus sonhos de aldeia global.

Mas qual será o resultado dessa bifurcação? Em qual de seus ramos nos encontraremos? A palavra "globalização" cobre uma grande variedade de situações diferentes? É possível que os imperadores romanos já estivessem sonhando com globalização, uma cultura única dominando o mundo. A preservação do pluralismo cultural e o respeito pelo outro exigirá toda a atenção das gerações futuras. Mas há outros riscos no horizonte.

Cerca de 12 mil espécies de formigas são conhecidas hoje. Suas colônias variam de algumas centenas a muitos milhões de indivíduos. É interessante notar que o comportamento das formigas depende do tamanho da colônia. Em colônias pequenas, a formiga se comporta de forma individualista, procurando comida e a levando de volta ao ninho. Quando a colônia é grande, porém, a situação muda, e a coordenação de atividades se torna essencial.

Estruturas coletivas surgem espontaneamente, então, como resultado de reações autocatalíticas entre formigas que produzem trocas de informação medidas quimicamente. Não é coincidência que, nas grandes colônias de formigas ou térmitas, os insetos individuais se tornem cegos. O crescimento populacional transfere a iniciativa do indivíduo para a coletividade.

Por analogia, podemos nos perguntar qual será o efeito da sociedade da informação sobre nossa criatividade individual. Há vantagens óbvias nesse tipo de sociedade - basta pensar na medicina ou na economia. Mas existe informação e desinformação. Como diferenciá-las? Claramente, isso requer cada vez mais conhecimento e um senso crítico desenvolvido. O verdadeiro precisa ser distinguido do falso, o possível do impossível. O desenvolvimento da informação significa que estamos legando uma tarefa pesada às futuras gerações. Não devemos permitir que surjam novas divisões, resultando da "sociedade de redes", baseada na tecnologia da informação. Mas é preciso, igualmente, examinar questões mais fundamentais.

Em sentido geral, será que a bifurcação reduzirá a distância entre os países ricos e os pobres? A globalização será caracterizada pela paz e democracia ou por violência, aberta ou disfarçada? Cabe às futuras gerações criar as flutuações que determinarão o rumo do evento correspondente à chegada da sociedade da informação.

Minha mensagem às futuras gerações, portanto, é de que os dados não foram lançados e que o caminho a ser percorrido depois da bifurcação ainda não foi escolhido. Estamos em um período de flutuação no qual as ações individuais continuam a ser essenciais.

Aprender a conviver com o espanto e com a ambigüidade

Quanto mais a ciência avança, mais nos espantamos com ela. Fomos da idéia geocêntrica de um sistema solar para a heliocêntrica, e de lá para a idéia das galáxias, e, por fim, para a dos múltiplos universos. Todos já ouviram falar do Big Bang. Para a ciência, não existe um evento único, e isso conduziu à idéia de que múltiplos universos podem existir. Por outro lado, o homem é, até agora, a única criatura viva consciente do espantoso universo que o criou e que ele, por sua vez, pode alterar. A condição humana consiste em aprender a lidar com essa ambigüidade. Minha esperança é de que as gerações futuras aprendam a conviver com o espanto e com a ambigüidade.

A cada ano, nossos químicos produzem milhares de novas substâncias, muitas das quais derivadas de produtos naturais - é um exemplo da criatividade humana no seio da criatividade natural como um todo. Esse espanto nos leva a respeitar os outros. Ninguém é dono da verdade absoluta, se é que essa expressão significa alguma coisa. Acredito que Richard Tarnes esteja certo: "A paixão mais profunda da alma ocidental é redescobrir a unidade com as raízes de seu ser".

Essa paixão leva à afirmação prometéica do poder da razão, mas a razão pode também conduzir à alienação, a uma negação daquilo que dá valor e significado à vida. Cabe às futuras gerações construir uma nova coerência que incorpore tanto os valores humanos quanto a ciência, algo que ponha fim às profecias quanto ao "fim da ciência", "fim da história" ou até quanto ao advento da "pós-humanidade".

Estamos apenas no começo da ciência, e muito distantes do tempo em que se acreditava possível descrever todo o universo em termos de algumas poucas leis fundamentais. Encontramos o complexo e o irreversível no domínio microscópico (tal como associado às partículas elementares), no domínio macroscópico que nos cerca e no domínio da astrofísica. Cabe às futuras gerações construir uma nova ciência que incorpore todos esses aspectos, porque, por enquanto, a ciência continua em sua infância.

Da mesma forma, o fim da história poderia ser o fim das bifurcações e a realização das visões de pesadelo de Orwell ou Huxley quanto a uma sociedade atemporal que perdeu sua memória. Cabe às futuras gerações manterem-se vigilantes para garantir que isso jamais aconteça. Um sinal de esperança é o de que o interesse pela natureza e o desejo de participar da vida cultural jamais foi maior do que hoje. Não precisamos de nenhum tipo de pós-humanidade. Cabe ao homem tal qual é hoje, com seus problemas, dores e alegrias, garantir que sobreviva no futuro. A tarefa é encontrar a estreita via entre a globalização e a preservação do pluralismo cultural, entre a violência e a política, e entre a cultura da guerra e a da razão. São responsabilidades pesadas.

Incerteza

Uma carta às gerações futuras é sempre e necessariamente escrita de uma posição de incerteza, de uma extrapolação arriscada do passado. No entanto, continuo otimista. O papel dos pilotos britânicos foi crucial para decidir o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Foi, para repetir uma palavra que usei com frequência nesse texto, uma "flutuação". Confio em que flutuações como essa surgirão sempre, para que possamos navegar seguros entre os perigos que hoje percebemos. É com essa nota de otimismo que eu gostaria de encerrar minha mensagem".

TEOLOGIA PÚBLICA

João XXIII, a complexidade do "Papa simples"

ALBERTO MELLONI

Como já fizemos referência no sítio do IHU, www.ihu.unisinos.br, nesta semana, no dia 3 de junho, celebra-se o 40º ano da morte de João XXIII. Associando-nos a esta celebração, traduzimos e publicamos o artigo com o título acima, escrito por Alberto Melloni, professor de história do cristianismo na Universidade de Roma e professor de história social e história contemporânea na Universidade de Modena – Reggio Emilia. É membro do conselho de redação da revista *'Cristianesimo nella storia'* e da revista teológica internacional *'Concilium'*. Autor de números livros entre os quais a edição do diário de João XXIII. O último livro publicado é *Il Conclave. Storia di una istituzione*, Bologna, 2001. Este livro já foi traduzido para o alemão, o espanhol, o francês. No Brasil, ele foi publicado pelas Ed. Paulinas, São Paulo, 2002, sob o título **Como se elege um Papa**. De Melloni publicamos, no IHU On-Line, o artigo **Quando a Igreja diz não à "guerra justa"**, na edição nº 49 do dia 24-02-2003.

O artigo, que aqui reproduzimos, foi publicado no jornal *Il Corriere della Sera*, 1-6-03.

"O mistério Roncalli. Assim um famoso jesuíta francês intitulava um artigo sobre a figura do Papa João, e dava voz a um enigma que, desde então até hoje – 3 de junho, 40º aniversário da sua morte – apaixona os estudiosos e a opinião pública. De fato, quem conhecera Roncalli antes da eleição tinha dele a imagem de um eclesiástico prudente, cauto. Roncalli tinha os modos antigos do padre tridentino, amável mas também distante da febre intelectual típica da história do século XX. E, por outro lado, quem o tinha visto como João XXIII o viu com uma capacidade não comum de construir fraternidade, de dar esperança: a sede pontifícia, donde

nos anos de Pio XII, desciam condenações inflexíveis e verdades de tal modo absolutas, tornava-se com João XXIII, um lugar de encontro, um canteiro da esperança.

Qual era o mistério destes dois Roncalli? O verdadeiro Roncalli era o que insistia para que os padres usassem a veste talar ou era o Papa do *aggiornamento*, do Vaticano II, da *Pacem in Terris*, do que acarinhava as crianças. O que tanto destoava da imagem aristocrática da Igreja? E depois, mais tarde, veio uma outra pergunta, mais complicada: Papa João é somente a realização eclesial do utopismo dos anos 1960, o ingênuo protagonista de uma estação na qual era mais fácil ter um sonho, mas do qual emergiram, no entanto, tristes desilusões? Ícone de um mundo que ainda tem extraordinária audiência (basta pensar no sucesso da ficção televisiva que ocupou duas horas de duração), Roncalli seria, portanto, somente o depósito de um desejo irrealizável de uma Igreja rejuvenescida num mundo pacificado?

Sobre esse tema, a memória coletiva trabalha há 40 anos, mas também faz pesquisa histórica: e a este tema se dedica o congresso internacional, que se realizará nos dias 2 e 3 de junho, em Bolonha, na Itália, por iniciativa da Universidade e da Fundação para as ciências religiosas, e que tem como tema “Revisitar Roncalli”. Para tanto estudiosos de vários países examinarão duas séries de documentações não exploradas até agora, e riquíssimas. De um lado, muitos estudos trabalham sobre os textos publicados na imprensa escrita e sobre o repertório televisivo: de fato, se para Pio XII a mídia é somente o pano de fundo de um magistério imóvel, com Papa João XXIII a mídia se torna a documentação de uma Igreja que se move, dialoga com a opinião pública. Por outro lado, as intervenções dos estudiosos analisarão as cartas, ainda inéditas, agora disponibilizadas pelo arquivo Roncalli. Sim, porque abrindo um caminho que depois foi seguido por outros (o cardeal Casaroli, por exemplo), Roncalli quis depositar fora do Arquivo secreto vaticano as suas próprias anotações e documentos. Este arquivo é um manancial enorme de relações, de mentalidades, de episódios: e neste manancial há um núcleo – uma série conspícua de diários – que constitui uma fonte única para a pesquisa histórica.

De fato, Roncalli, desde adolescente, escreveu diários: primeiro, diários espirituais que se constituirão no decorrer do tempo no *Diário da Alma*; depois vêm os diários de trabalho e de agendas que, por décadas, acompanham o percurso deste padre bergamasco, que trabalha como secretário do Bispo da sua diocese e depois, passando pela Grande Guerra, com os estudantes, para as missões, na diplomacia vaticana em Sofia, Istambul, Atenas, Paris até voltar a ser um pastor de almas e Bispo de Veneza, e como Papa em Roma. São milhares de páginas, que começam a ser editadas pelo Instituto para as ciências religiosas de Bolonha. São páginas em torno das quais se colocaram expectativas e manobras já nos longos anos em que se desenvolveu o processo de beatificação de João XXIII: de fato, alguns temiam ou esperavam que aquelas páginas dos diários privados documentassem algo de surpreendente: uma malícia, uma dissimulação, uma astúcia política que explicasse aquelas contradições. O que emerge deste material, no entanto, é precisamente o contrário.

Os diários de Roncalli mostram o cotidiano da vida cristã; acompanham o percurso de um eclesial que participa de todos os estereótipos da sua cultura de referência, mas que sabe descartar. Há, portanto, uma atitude típica dos católicos para com o fascismo, mas também a percepção de uma linguagem ‘grotesca’, de uma “manifestação estúpida de poder e de bravura”. Sobre o racismo (palavra escrita uma só vez em 60 anos!), Roncalli anota no verão de 1937 de tê-lo estigmatizado com “palavras verdadeiras”, enquanto que no confronto com o comunismo tem a mesma avaliação firme da Santa Sé. Todavia, enquanto os comunistas, que ele não conhece, lhe parecem homens “cheios de ódio e do espírito do anticristo”, aqueles que ele encontra pessoalmente como prefeitos na França ou em Veneza lhe parecem “bons” ou “amáveis”. Uma vez feito Papa, assiste ao programa “Tribuna Política”, em 1961, onde fala Togliatti. Para ele, Togliatti falou “bobagens a respeito do comunismo e sobre a realidade

política italiana”, mas se recusa a proposta de pressionar a Rai para que o programa fosse suprimido.

Dos diários não emerge um Roncalli que tem grandes projetos para o seu pontificado, mas que se expõe à realidade histórica tal como essa se dá. O ponto mais eloqüente é aquele da Shoah. Roncalli – que de 1935 a 1944 representou o Papa na Turquia, neutra no conflito mundial – cresceu naquela cultura de desprezo anti-semita que, em muitos (cristãos ou não), é o terreno fértil para o ódio que nazistas e fascistas transformarão em projeto genocida. Quando chegam à Turquia, os homens da Jewish Agency, buscando salvar os hebreus em fuga dos Bálcãs, encontram neste prelado vaticano uma inesperada ajuda. Ele organiza uma “obra de socorro” que não busca nem visibilidade, nem autorização, nem reconhecimento: simplesmente favorece a fuga dos hebreus, criando um vínculo de amizade que possibilitará a decisão católica de condenar o anti-semitismo e o reconhecimento do hebraísmo como sacramento de toda alteridade para a Igreja. Mas o mesmo vale para a Ostpolitik que deve a João XXIII o seu início: Roncalli considera o regime soviético um adversário e não se deixa enganar pela visita “daqueles grupinhos que o governo de Moscou manda mundo a fora para propagandear as delícias do comunismo”, mas se irrita quando o cardeal Ottaviani ataca o presidente Gronchi por ter visitado Moscou: para João XXIII, o cardeal teve “um gesto infeliz (...) violento contra a pessoa do Presidente da República Italiana” e “desaprovado na sua generalidade”. Para o Papa a simplicidade dos gestos de encontro é o caminho ‘simples’, mas capaz de abrir novas estradas que vincula a Igreja à paz.

Conversando com o então diretor da revista *Civiltà Cattolica*, padre Tucci, que lhe pergunta porque não toma providências contra aqueles que, em 1963, lhe contestam e o atacam, papa Roncalli responde que “Jesus não fazia assim”. Não se trata unicamente de uma opção espiritual, mas de uma decisão política de primeira grandeza: como Papa ele não usa as prerrogativas que a tradição latina reconhece ao Pontífice romano, mas serve-se da simples eloqüência da fé.

E aqui está a chave do significado histórico de João XXIII: ter mostrado que a vida cristã tem uma eloqüência na sua simplicidade, antes e sobre toda e qualquer articulação; e que, portanto, toda e qualquer articulação, doutrinal ou institucional, deve ser subordinada ao princípio simples da imitação de Jesus. Hannah Arendt o compreendia quando falou do breve reinado de Roncalli como da passagem “de um cristão no trono de Pedro”. A cultura da Igreja latina pedia, há séculos, ao Papa para ser um chefe, um mestre moral, um cruzado, um guerreiro, um juiz, antes que um crente: era um modo de definir não somente o papel do Papa, mas também a subalternidade da fé à autoridade. Mudando radicalmente esta prospectiva, João XXIII mostra que a experiência cristã mais radical não é aquela que nega o humano e a história, mas os acolhe; é aquela que se aferra ao desejo de paz não como uma necessidade a ser explorada para fazer marketing religioso, mas como a própria voz do evangelho, o ar que a fé respira. O mistério Roncalli está todo ele aqui”.

João XXIII: um cristão que se tornou papa

Giuseppe Alberigo, historiador mundialmente conhecido, concedeu uma longa entrevista ao jornal italiana ***La Repubblica***, 29-5-03, sobre os 40 anos da morte de João XXIII e sobre o lançamento dos novos diários do mesmo. Diferente do ***Diário de uma Alma***, onde João XXIII exprime as suas experiências dos retiros, este diário, em termos simples e redigidos com muita pressa, registaram milhares de fatos, encontros, pensamentos, tiradas irônicas. Segundo o jornal italiano ***La Repubblica***, 29-5-03, trata-se de “um diário que testemunha a vida do cristão que se tornou Papa (como o definiu Hannah Arendt) de 1905 a 1963, cujo projeto de edição

será apresentado no dia 3 de junho, por ocasião do evento promovido pela Universidade de Bolonha”.

Segundo G. Alberione, João XXIII, “sempre permaneceu o mesmo, e isso é bonito. Primeiro foi discípulo, depois maestro, mas sempre foi Angelo Roncalli. Isso lhe valeu a simpatia universal e tornou-se manifesto logo quando disse que tomava o nome de João, porque era o nome do seu pai e porque tinha sido batizado numa igreja dedicada a São João”.

La Repubblica: João XXIII foi sempre pobre?

G. Alberigo: Ele não teve opção. Ele aceitara a pobreza e a conhecia bem. Ele conhecia os efeitos dela sobre as pessoas. Por isso ele escreveu preocupado sobre a riqueza da Igreja e se tornou credível quando proclamou que, frente aos países subdesenvolvidos, a Igreja quer ser a igreja dos pobres.

La Repubblica: O Diário confirma que foi o homem menos esquizofrênico do mundo. Mas qual o motivo das resistências para beatificá-lo?

G. Alberigo: Por causa da velha idéia que a santidade esteja nas virtudes privadas, nos jejuns, nas vigílias, nos cilícios. Por isso Pio IX é santo mesmo que ele apoiasse a pena de morte. Enquanto que a grande do papa João está no processo histórico que desencadeou e que ainda está em curso. O seu modelo vale para toda a igreja, mas sobretudo para os seus vértices, aos quais indica a possibilidade de desempenhar o seu papel mantendo-se fiéis ao Evangelho. A consciência da sua responsabilidade emerge também quando ele anota no diário que não se presta simplesmente ‘ser um papagaio’, de fazer suas as palavras de outros. Era muito humilde, mas firmíssimo”.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Edições Loyola

No dia 26 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou, em São Paulo, da reunião do conselho editorial das Edições Loyola.

Quarta às quatro

No dia 27 de maio, a coordenação do IHU, se reuniu com a profa. Dra. Ione Bentz, diretora do Centro de Ciências da Comunicação, com a Prof^ª. Dr^ª. Suzana Kilpp, professora e pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação e com o Prof. Vitor Necchi, coordenador do Curso de Realização Audiovisual do Centro de Ciências da Comunicação, para discutir os passos a serem dados para implementar o projeto Quarta às quatro.

Cadernos do IHU

No dia 28 de maio, a coordenação do IHU esteve reunida com a Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Oliveira Silva, professora do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais Aplicadas, para discutir a parceria na realização do Seminário da Pesquisa Motivações e Práticas na Unisinos. Igualmente conversou-se sobre a proposta de a Prof^ª. Jaqueline assumir, juntamente com a coordenação do IHU, a elaboração de uma proposta editorial e gráfica para os Cadernos do IHU.

Intelectuais Orgânicos da Igreja do RS

No dia 28 de maio, Ernesto Seidel, doutorando da UFRGS, entrevistou o coordenador do IHU tendo em vista a elaboração da sua tese doutoral sobre os intelectuais orgânicos da Igreja gaúcha.

Educadores Salesianos

No dia 30 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou um dia de estudo sobre as mudanças no mundo do trabalho, hoje, no Encontro de Educadores Salesianos, em Santa Maria, RS.

INTERATIVO

Sala de Leitura



“Estou lendo vários livros em função do doutorado. Um deles é ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992. É um livro clássico do século XVIII e faz parte do Iluminismo. Nesta obra, Rousseau mostra sua concepção de educação, que é aquela em que é necessário o contato com a natureza, a pessoa é educada a partir da natureza.

Segundo o livro, o professor deve oferecer aos seus alunos um ambiente para o aprendizado sem influências externas. Um fator que me chamou a atenção nessa obra é que ela é pioneira ao criar um conceito clássico de juventude, definindo esse período como um tempo especial para desenvolver certas habilidades.”

Lúcio Jorge Hammes, doutorando em Educação na Unisinos.

Atualmente, estou lendo MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir M. da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002. É um livro que tenta abordar a questão da vida humana. Isto é, pensar o humano nas contradições como se expressam: forma racional, irracional, humano, inumano, lógico, ilógico. A ciência fez grandes descobertas no micro e no macrocosmo. “Deram-se progressos extraordinários de conhecimento sobre nossa situação no universo, entre os dois infinitos (cosmologia, microfísica), sobre nossa matriz terrestre (ciência da Terra), sobre nosso enraizamento na vida e na animalidade (biologia), sobre a origem e a formação da espécie humana (pré-história), sobre nosso enraizamento na biosfera (ecologia) e sobre nosso destino social e histórico. “Para isso o homem necessita reconstruir permanentemente a humanidade da humanidade numa perspectiva aberta, para não ficarmos exclusivamente no paradoxo com o “quanto mais conhecemos, menos compreendemos o ser humano”.

Tranquilo Fiametti, MS em Serviço Social, integrante do Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo e do Programa de Estudos Sobre Desenvolvimento e autonomia no Vale do Rio dos Sinos – Pedra, ambos programas da área de Concentração 1, Ética Cultura e Cidadania.

Estou lendo BRICEÑO-LEÓN, Roberto (Org.). **Violencia, Sociedad y Justicia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2002, 404 p. Esta obra reúne intelectuais, professores,



profissionais e/ou militantes que estudam e atuam no campo da violência que é tratada a partir das suas raízes, contextualizada na América Latina. Parte de uma abordagem multifacetária do fenômeno violência, recorrendo a outras duas dimensões do debate contemporâneo: as respostas dos cidadãos e as implicações para o sistema de justiça e a democracia. Os textos percorrem análises quanto à concepção de violência, política e sistemas de segurança, participação comunitária, gestão de combate à violência, demandas e respostas dos diferentes espaços sócio-institucionais (comunidades, escolas, polícia civil, área penitenciária...). É um livro fundamental para todas e todos aqueles que buscam por leituras com reflexões atuais, profundas e com ênfase na multiplicidade de perspectivas exigidas para debate e ações da sociedade latino-americana nos seus processos de enfrentamento e superação das violências.

Profª MS Sônia Maria Almeida,
coordenadora executiva do Curso de Serviço Social da Unisinos.

Cartas do leitor

Oi, pessoal:
Parabéns pelo site.

Sugestão: já que o Humanitas-arte é um evento constante, por que não consta no site, com um ícone permanente, onde permaneçam todos os eventos, feito museu virtual?
<http://www.mariatomaselli.cjb.net>
<http://www.tomaselli-net.org>

Maria Tomaselli, artista plástica

“Incluimos o site do ihu em meu 'favoritos', vamos acompanhá-lo” –
Cesar Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – Curitiba - PR.

Prezados Senhores,

Por acaso chegou em minhas mãos a revista IHU On Line do Instituto Humanitas Unisinos. Agradaram-me muitíssimo os artigos publicados e por isso gostaria de obter informações de como fazer para recebê-la. Agradeço pela atenção.

Aurélio Oliveira Jr., engenheiro eletrônico, perito judicial – Porto Alegre.

Acompanho as atividades do IHU pelo boletim. Tenho aproveitado muito com a leitura do mesmo. Parabéns!

Edson Damian, coordenador de pastoral da Diocese de Boa Vista, Roraima

Errata:

No último boletim, foi noticiado que Thierry de Guertechin e Bernardo Lestienne participaram da reunião no IHU onde se discutiu a possibilidade de uma revista nacional de opinião e a realização do Simpósio Internacional O lugar da teologia na Universidade do século XX em comemoração dos 100 anos de nascimento de Karl Rahner. Na realidade, os dois membros do CIAS/IBRADES de Brasília não puderam participar, porque já haviam assumido compromissos anteriormente.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª Ms. Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: Ihuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS